



FACULDADE 7 DE SETEMBRO
GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
JORNALISMO

ANDRÉ LUIS ALMEIDA DE CASTRO

**WEBJORNALISMO ESPORTIVO: UMA ANÁLISE DA SÉRIE
'FUTEBOL DE RAIZ', DO SITE VERMINOSOS POR FUTEBOL**

Fortaleza – CE

2016.1

ANDRÉ LUIS ALMEIDA DE CASTRO

**WEBJORNALISMO ESPORTIVO: UMA ANÁLISE DA SÉRIE
'FUTEBOL DE RAIZ', DO SITE VERMINOSOS POR FUTEBOL**

Monografia apresentada à Faculdade 7 de Setembro como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo.

Orientador: Ms. Miguel Augusto Macedo de Araújo Lima

Fortaleza – CE

2016.1

**WEBJORNALISMO ESPORTIVO: UMA ANÁLISE DA SÉRIE ‘FUTEBOL DE
RAIZ’, DO SITE VERMINOSOS POR FUTEBOL**

Monografia apresentada à Faculdade 7 de Setembro
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Comunicação Social – Habilitação
Jornalismo.

André Luis Almeida de Castro

Monografia aprovada em: ____/____/____

Prof. Miguel Augusto Macedo de Araújo Lima, Ms

1º Examinador _____
Prof. Dilson Alexandre Mendonça Bruno, Ms.

2º Examinador _____
Profa. Eulalia Emília Pinho Camurça, Ms.

Prof. Dilson Alexandre Mendonça Bruno, Ms.
Coordenador do Curso

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a todos que, de qualquer maneira, contribuíram para a construção deste trabalho. São muitas as pessoas pelas quais tenho enorme gratidão.

Primeiramente a Deus, que me ilumina todos os dias e que me guiou nessa trajetória.

Obrigado também a todos os professores e mestres que fizeram parte da minha vida acadêmica e contribuíram para a minha formação profissional. Em especial ao meu orientador, Miguel Macedo, por acreditar no meu trabalho e sempre me ajudar nos momentos em que precisei. Você é um exemplo de profissional no qual me espelho, e foi um prazer enorme tê-lo como orientador.

Não poderia deixar de agradecer à minha mãe, Maria Helena, a mulher mais guerreira que conheço. Não é fácil administrar uma família sozinha, mas a senhora consegue ser 'pãe' como ninguém. Posso ter dificuldades em demonstrar, mas saiba que, no fundo, eu sei o seu real valor. Muito obrigado por tudo e, principalmente, por sempre acreditar em mim, apoiando-me e incentivando-me nas minhas escolhas pessoais e profissionais.

Ao meu irmão, Daniel Castro, que, apesar de todos os pesares, sempre serviu como referência para minha formação e sei que é alguém que torce pelo meu sucesso.

A Fátima, que é uma segunda mãe pra mim e esteve sempre me incentivando nos momentos de dificuldade. Você é muito importante em minha vida.

A Johnny, meu cachorro, que sequer sabe da existência deste trabalho, mas foi meu fiel companheiro nas madrugadas em claro, alegrando-me e distraíndo-me quando precisei.

Aos meus familiares, todos eles, que sempre me passam mensagens de apoio e torcem pelo meu sucesso. Em especial a minhas tias Águida Castro, Fabiane Lucena e meu padrinho Eduardo Braga, que, embora um pouco distantes pelas circunstâncias diárias, são peças fundamentais na minha formação.

A todos os meus amigos, sem os quais eu não teria tanta motivação para chegar até aqui. Em especial Flávia Luiza, Leonardo Viana, Renan Russo e Lucas Leite. Dentre muitos amigos que tenho, saibam que vocês são os melhores.

Aos meus companheiros de profissão, que me deram forças no dia a dia e me apoiaram incondicionalmente, em especial Ana Flávia Gomes e André Victor Rodrigues. Pessoas que o jornalismo me deu e que levarei pra vida inteira.

Aos amigos com as quais a FA7 me presenteou: Iane Ervedosa, Camila Gadelha, Gustavo Freitas, Gabriela Neres, Rafaella Girão, Lorena Sales e Niedja Amazonas. Vocês fazem parte de tudo isso. Assim como meu colega de TCC, Caio Túlio Costa, que dividiu comigo as aflições e conquistas nesse período.

Muito obrigado, Rafael Luis Azevedo, autor do objeto de estudo deste trabalho. Sem ele nada disso seria possível. Alguém que me serve como inspiração profissional e que pude conhecer um pouco mais de perto, passando a admirá-lo também como pessoa. Muito obrigado por tudo. Sinto enorme satisfação por ter analisado seu belo trabalho.

Por último, e mais importante, a meu pai, Francisco Moacir Lucena de Castro, a quem dedico este trabalho. Ele não era o melhor pai do mundo. Não era tipo 'super-herói'. Ele tinha defeitos. Muitos. Ele era humano. E eu demorei um pouco, mas entendi que, apesar do tipo ranzinza, ele sempre foi o melhor que ele podia ser. Se hoje eu sou a pessoa que sou e estou conseguindo dar mais este importante passo em minha vida, com certeza foi por ele ter me dado a oportunidade de traçar meu caminho.

Nunca esqueço suas palavras de que “o conhecimento é a maior herança que posso lhe deixar, um dia você vai entender”. Agora eu entendo.

Pai, ao senhor, meu muito obrigado. Onde quer que se encontre, espero que esteja feliz e orgulhoso. Serei eternamente grato por tudo.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a série "Futebol de Raiz - Um retrato do futebol de subúrbio de Fortaleza", do site Verminosos por Futebol, do jornalista Rafael Luis Azevedo. O objetivo é identificar as potencialidades da web utilizadas na série, baseadas em Canavilhas (2001), Mielniczuk (2001), Prado (2011) e Ferrari (2014). Além disso, objetiva-se caracterizar a série quanto às peculiaridades de jornalismo humanizado, apontadas por Pena (2006) como uma ramificação do jornalismo literário. Este trabalho procura ainda definir a utilização do romance-reportagem, identificando, nas reportagens analisadas, elementos desse gênero narrativo, mais especificamente no jornalismo esportivo, tendo como base os conceitos de Cosson (2001), Coelho (2011), além de Barbeiro e Rangel (2006). A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo, com observação e descrição por meio de *prints* das reportagens. Essas foram relacionadas às quatro principais características de reportagem definidas por Sodré e Ferrari (1986): predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos. Com a análise, podemos assimilar os conceitos citados e caracterizar a série como romance-reportagem com base no jornalismo humanizado.

Palavras-chave: Webjornalismo. Jornalismo Humanizado. Romance-Reportagem. Jornalismo Esportivo. Futebol de Raiz

ABSTRACT

This research aims to study the series “Futebol de Raiz – A portrait of suburban soccer in Fortaleza”, from the website Verminosos por Futebol, by Rafael Luis Azevedo. Its goal is to identify the web tools and journalism strategies used in the ‘making of’ of the series, based on authors such as Canavilhas (2001), Mielniczuk (2001), Prado (2011) and Ferrari (2014). In addition, it characterizes the series in relations to the peculiarities of humanized journalism, studied by Pena (2006) as a branch of New Journalism. This work also presents a possible definition for the use of the literary-reportage, describing the elements of this type of narrative in the analyzed reports, mainly in the sports genre. The base of this part of the research is composed by authors such as Cosson (2001), Coelho (2011), besides Barbeiro and Rangel (2006). The research process and method used is content (subject) analysis, with the observation and description of print screens of the news. These are linked with the four main characteristics of journalism report proposed by Sodré and Ferrari (1986): predominance of narrative form, humanized report, impressionist nature of the text and factual objectivity. In conclusion, it is possible to link the cited concepts and classify the series as literary, based on humanized journalism.

Keywords: Web Journalism. Humanized Journalism. Literary-Reportage. Sports Journalism. Futebol de Raiz

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. O JORNALISMO NA WEB – UMA NOVA FORMA DE NOTICIAR	11
2.1. A Internet e o Webjornalismo.....	11
2.2. Arquitetando o jornalismo on-line.....	14
2.3. Vamos falar de convergência	21
2.4. Impacto dos avanços tecnológicos no papel do jornalista e nas narrativas jornalísticas	23
3. NARRATIVAS JORNALÍSTICAS NA WEB E O JORNALISMO HUMANIZADO NO ESPORTE	27
3.1. As narrativas jornalísticas na web	27
3.2. O jornalismo humanizado.....	30
3.3. O romance-reportagem	35
3.3.1 O romance-reportagem no jornalismo esportivo.....	36
4. A METODOLOGIA DA BOLA.....	40
5. VERMINOSOS POR FUTEBOL E A SÉRIE FUTEBOL DE RAIZ.....	42
5.1. O que é o Verminosos?.....	42
5.2. A busca pelo ‘lado B’ do esporte no Verminosos	49
5.3. Futebol de Raiz: Um retrato do Futebol de Subúrbio de Fortaleza	51
5.3.1. Ceguim – O técnico que tudo vê.....	54
5.3.2. Roberto – O homem dos mil gols	61
5.3.3. Meia-noite – O racha dos garçons.....	65
5.3.4. Deu no jornal.....	70
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
8. ANEXOS	80
9. APÊNDICE	86

1. INTRODUÇÃO

A Internet e os avanços tecnológicos recentes têm transformado tanto a rotina quanto o modo de fazer jornalismo. Mesmo não deixando de considerar o percentual da população que tem dificuldade de acesso ou nenhum contato com a Internet e as novas tecnologias, é inegável que elas foram responsáveis por uma nova forma de produção, distribuição e recepção da informação.

Isso interfere diretamente no trabalho dos jornalistas e em suas rotinas na redação, tendo em vista que esses profissionais devem se adaptar às novas maneiras de comunicação, sempre se relacionando entre as novas tecnologias e tendo que aprender a se aproximar dos leitores, que passam a interagir cada vez mais com o conteúdo produzido. Atualmente, nesse período de avanços e mudanças tecnológicas cada vez mais intensas, a informação está disponível a qualquer hora e em qualquer lugar.

Percebe-se, então, que os conteúdos, antes produzidos para os “meios tradicionais”, como o jornal impresso, o rádio e a televisão, têm migrado para a *web* em um fluxo cada vez maior.

Assim como os diferentes segmentos do jornalismo, o esportivo passa por mudanças. O simples ato de apenas noticiar o factual não chama mais tanta atenção do público, que exige conteúdos que tragam algo diferenciado. Ao jornalista, é cada vez mais preciso pensar em abordagens diferentes, que fogem do trivial, do factual, do cotidiano. É preciso ir além.

No cenário do jornalismo esportivo internacional, destaca-se o trabalho realizado pelo jornalista cearense Rafael Luis Azevedo, fundador do website *Verminosos por Futebol*, que aborda cultura, memória e aspectos do futebol que fogem das quatro linhas. O objeto central de estudo desta pesquisa será a série “Futebol de Raiz – Um retrato do futebol de subúrbio de Fortaleza”, veiculada no site, que contempla três reportagens com as características de multimídia que aqui serão apresentadas.

Com um olhar diferenciado, o site procura sair do lugar comum do jornalismo esportivo. Além disso, chamou a atenção a constante busca por boas histórias e a tentativa de despertar o lado mais curioso desse esporte, que é paixão mundial, caminhando para um estilo de jornalismo esportivo mais humanizado, diversificado e alternativo, em relação aos meios tradicionais.

A tendência vem sendo amplamente reconhecida e seguida por profissionais da área, tanto que tem se destacando por conseguir, além de contar boas histórias, refletir sobre a

produção de conteúdo de outros veículos de mídia tradicional (impressos, rádio e televisão, além de outros sites), inclusive do exterior.

A escolha da temática que será trabalhada nesta pesquisa se deu pela importância de analisar e descrever a proposta da série “Futebol de Raiz – Um retrato do Futebol de Subúrbio de Fortaleza”, do site *Verminosos por Futebol*, que já é, nacionalmente, um dos principais adeptos dessa tendência no jornalismo esportivo. Além disso, busca-se identificar o novo perfil do jornalista que, com as mudanças ocasionadas pela *web*, passou a desempenhar diferentes papéis na produção de conteúdo.

O objetivo geral é caracterizar a série sobre o futebol de subúrbio de Fortaleza, principalmente quanto ao seu conteúdo jornalístico e tipo de narrativa. A partir das definições de jornalismo literário, que foge do tradicional *hard-news*, e dos conceitos tradicionais de jornalismo, que serão aqui apresentados, foi possível caracterizá-la como jornalismo humanizado.

No capítulo dois, faz-se necessário explicar sobre a nova forma de fazer jornalismo a partir da expansão tecnológica que vem atingindo todo o mundo. Novos dispositivos criaram diferentes formas de informar, o que trouxe ao jornalista a necessidade de, cada vez mais, reinventar-se. Serão apresentadas características do jornalismo on-line, sua linguagem e seus impactos na rotina dos jornalistas e também nas narrativas jornalísticas. Além disso, será trabalhado também o conceito de webjornalismo multimídia, de convergência e suas implicações na produção de conteúdo jornalístico para *web*.

O capítulo três aborda as narrativas jornalísticas na *web* e o conceito do chamado jornalismo humanizado, que no Brasil é tratado como uma segmentação do jornalismo literário. Além disso, falaremos também sobre o estilo de narrativa romance-reportagem, mais especificamente no jornalismo esportivo, que existe há décadas e procura tratar o esporte de uma perspectiva mais romântica e literária, fugindo do mero relato factual dos acontecimentos e trazendo um panorama contextualizado da realidade.

Seguindo a ordem cronológica, o capítulo quatro traz a metodologia utilizada. Um panorama geral do que já foi abordado, introduzindo a análise do objeto central de estudo.

O último capítulo vai apresentar o site *Verminosos por Futebol*, que contempla a série que será estudada, relacionando exatamente os conceitos que já serão apresentados nos capítulos um e dois.

Além disso, será analisada como objeto central de estudo a série “Futebol de Raiz - Um retrato do futebol de subúrbio de Fortaleza”, produzida no site *Verminosos por Futebol*. O tema é inédito na área da comunicação, tendo em vista que nunca foi objeto de pesquisa

acadêmica e utiliza diferentes recursos jornalísticos e midiáticos que serão aqui apresentados. Por meio de anexos das matérias “Ceguim - O técnico que tudo vê”, “Roberto - O homem dos mil gols” e “Meia-noite - O racha dos garçons”, serão analisados a narrativa e os tipos de elementos encontrados na série, relacionando com as teorias dos autores utilizados.

Na sequência, para concluir, será exposta a repercussão da série em outros veículos jornalísticos, mostrando como esse trabalho realizado em um site independente influenciou na produção de conteúdo da mídia tradicional, inclusive do exterior.

2. O JORNALISMO NA WEB – UMA NOVA FORMA DE NOTICIAR

O jornalismo vem passando por distintas mudanças ao longo dos últimos anos. Atualmente, em períodos de avanços tecnológicos cada vez mais intensos, a informação está disponível em qualquer local e acessível a qualquer hora. De acordo com Pereira e Adghirni (2011), “partimos de um cenário marcado por um conjunto de transformações no jornalismo, que incluem novas formas de produção da notícia [...] e também nas exigências de se produzir um mesmo conteúdo para vários formatos midiáticos (impresso, TV, rádio, on-line)”. Isso “exige dos jornalistas o desenvolvimento de novas competências e uma sobrecarga de trabalho”.

A comunicação se tornou ainda mais visível e essencial para o ser humano. Com isso, a forma de fazê-la mudou, especialmente após a grande expansão da Internet, dos dispositivos móveis e da utilização dessas ferramentas na produção de notícias.

Desde então, os veículos de comunicação passaram, de forma ainda mais acentuada, a conviver com o desafio diário de inovar em busca de abordagens diferenciadas, que chamassem a atenção do público em busca de audiência.

A internet é um conjunto de recursos tecnológicos que coloca à disposição de qualquer cidadão que possui computador, um modem e uma linha telefônica uma enorme quantidade de informação e possibilidades de acesso a serviços diversificados (MOHERDAUI, 2007, p.21).

Este capítulo apresenta características do Webjornalismo e de que forma o surgimento das novas tecnologias, sobretudo da Internet, impactaram em uma nova forma de produção de conteúdo jornalístico. Além disso, discute também a função dos jornalistas, que passaram a conviver com novos conceitos e formas de trabalhar a partir dessas transformações.

Esses novos conceitos, como definições de interatividade, multimídia, convergência e outros elementos do Webjornalismo, serão também apresentados e analisados neste capítulo.

2.1. A Internet e o Webjornalismo

Criada inicialmente para fins militares, nos Estados Unidos, em 1957, o embrião da Internet, como atualmente é conhecido por ARPANET, foi desenvolvido no país norte-americano pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de Defesa Americano. O objetivo era conseguir superar a União Soviética, extinta URSS, em um período

que os soviéticos avançavam muito tecnologicamente e lançavam o *Sputnik*, o primeiro satélite, ao espaço.

Entre as décadas de 1960 e 1970, a rede¹ passou a ser utilizada para pesquisas acadêmicas, o que acabou fomentando ainda mais seu desenvolvimento. Mesmo tendo sido elaborada inicialmente com objetivos militares, a Internet passou a ser ‘adotada’ e incorporada pelo jornalismo. “1971 é o ano do início da produção digital nas redações” (PRADO, 2011). A partir de então, essa produção só fez crescer. Até que, em 1989, Tim Bernes-Lee inventou a World Wide Web (WWW):

[...] uma iniciativa baseada na internet para partilha de informações hipermídia global [...] a invenção da www deu-se na Europa, no Centre Européen pour Recherche Nucléaire (CERN), em Genebra [...] o www organizava o teor dos sítios da internet por informação, e não por localização, oferecendo aos usuários um sistema fácil de pesquisa para informações desejadas (PRADO, 2011, p.16).

De acordo com Prado (2011), em 1994, cerca de 52,2% das redações americanas já utilizavam recursos on-line. Desde então, os veículos de mídia tradicional tiveram de se reinventar e passaram por grandes intervenções estruturais, com alterações gráficas e de conteúdo, procurando fazer com que, em tempos de convergência e velocidade de informação, trazidas pela internet, a produção jornalística continuasse atrativa ao público.

A velocidade de disseminação da Internet em todo o mundo deve transformá-la efetivamente na decantada super estrada da informação. [...] A internet é uma ferramenta de comunicação bastante distinta dos meios de comunicação tradicionais – televisão, rádio, cinema, jornal e revista. Cada um dos aspectos críticos que diferenciam a rede mundial dessas mídias – não-linearidade, fisiologia, instantaneidade, dirigibilidade, qualificação, custos de produção e de veiculação, interatividade, pessoalidade, acessibilidade e receptor ativo – deve ser mais bem conhecido e corretamente considerado para o uso adequado da Internet como instrumento de informação (PINHO, 2003, p.15).

A *web*, além de servir para os processos de produção e apuração da notícia, serve, também, para divulgá-la, fazendo com que surgisse, assim, o jornalismo para web – Webjornalismo, que é também conhecido ou pode ser confundido por outras nomenclaturas, como jornalismo on-line, jornalismo digital ou ciberjornalismo. Neste trabalho, as

¹ O termo 'rede' define um conjunto de dispositivos interligados uns com os outros. Neste trabalho, será utilizado como definição de termo tecnológico, que faz referência a um conjunto de computadores ligados entre si e que trocam dados ou informações sem que estejam necessariamente no mesmo espaço físico.

especificidades dessa nomenclatura não entrarão em discussão, sendo o termo Webjornalismo a definição utilizada.

Segundo Canavilhas (2001), a nomenclatura se encontra relacionada de acordo com o suporte técnico e o meio de veiculação; assim, como para se referir ao jornalismo desenvolvido para rádio utiliza-se radiojornalismo, para jornalismo desenvolvido para televisão, telejornalismo; e jornalismo impresso para o que é feito para jornais impressos em papel.

Prado (2011) afirma que o Webjornalismo foi começando a ser implementado a partir da segunda metade dos anos 1990; entretanto, apenas no final da década é que se estabeleceu de maneira mais abrangente e sólida, com a contratação de profissionais com altos salários, formação de equipes maiores de profissionais e investimentos mais expressivos. O período coincidiu com a virada de 1999 para 2000, em que a *web* foi superestimada economicamente, na chamada Nova Economia, gerada pela internet, em que o Webjornalismo e seus portais eram considerados um novo negócio.

O grande ponto que foi um marco nesse período foi quando a AOL (American Online), provedor de internet corporativo americano, comprou a Warner² em 1997, em um negócio envolvendo milhões de dólares. Na mesma época, no Brasil, os grupos Abril e Folha, dois gigantes da comunicação no país, criaram o UOL (empresa brasileira de conteúdo, produtos e serviços de internet). O Webjornalismo era, então, considerado por muitos como uma nova oportunidade de mercado.

Assim, a *web* interferiu também na linguagem do jornalismo e abriu ainda mais espaço para a produção de conteúdo jornalístico.

Desde então, com o avanço tecnológico, um novo formato foi proposto e tem conquistado cada vez mais espaço nessa nova era, alterando a tradicional maneira de fazer jornalismo. A linguagem mudou devido a uma transformação que busca maior engajamento com o imediatismo. Martins (2013) afirma que toda a produção jornalística deve utilizar o máximo de ferramentas que potencializem e tornem atrativos os conteúdos produzidos, cativando a atenção dos leitores e despertando o interesse na informação veiculada. A autora cita ainda que, assim como nos outros meios, a linguagem jornalística na web deve ser clara, curta e concisa.

Alguns pontos são imprescindíveis no processo de produção dos textos, como dar ênfase ao *lead*, tendo em vista que os usuários querem ter acesso às informações principais de

² Empresa de indústria de entretenimento, com foco voltado para produção cinematográfica, televisiva e literária.

uma forma rápida e imediata; pensar primeiro e diferente, ou seja, tratar os assuntos com abordagens e angulações diferentes; utilizar hiperligações para enriquecer o texto com informações complementares; “e, por fim, não esquecer a veracidade das informações, a questão das fontes e os parâmetros éticos da profissão” (MARTINS, 2013, p.8).

Essa evolução tecnológica segue mudando também a forma como esse conteúdo é divulgado e, conseqüentemente, como é recebido pelos leitores, que atualmente possuem um importante canal de transmissão de informação instantânea: os dispositivos móveis, sobretudo os aparelhos celulares, conhecidos como *smartphones*, ou telemóvel, como chama João Canavilhas (2013). O autor acrescenta ainda que:

De mero dispositivo de telecomunicações dirigido a uma elite, o telemóvel evolui até ao aparelho multifuncional que hoje conhecemos e que acompanha permanentemente um crescente número de utilizadores. Nenhum outro objeto do nosso quotidiano passa tanto tempo conosco ou tem com o seu proprietário a mesma proximidade que o telemóvel. Este dispositivo [...] junta uma sensação de segurança resultante de o dispositivo colocar a nossa geografia de amizades à distância de uma chamada telefónica (CANAVILHAS, 2012, p.5).

Canavilhas (2012) afirma que este aparelho se tornou tão vital para o ser humano que virou uma espécie de sentido extra para as pessoas, tendo em vista que ele nos permite estar quase que permanentemente on-line, disponíveis para interagir, seja contatando ou sendo contatado. Talvez por isso tenha tomado um lugar central na vida pessoal e profissional de cada um.

2.2. Arquitetando o jornalismo on-line

O Webjornalismo teve como marco em seu início a incorporação do conteúdo que era destinado ao jornalismo impresso. Segundo Barbosa (2002), no momento em que os primeiros jornais comerciais diários passaram a migrar para o suporte digital – o que ocorreu a partir de 1994 -, “a transposição dos conteúdos da edição em papel para a edição online é o modelo que impera”. Era uma pura transferência de conteúdo de um ambiente físico para um ambiente digital, em uma época em que os recursos e as potencialidades desse novo meio eram ainda desconhecidos.

Mielniczuk (2003) divide essa trajetória em três etapas: webjornalismo de primeira geração, webjornalismo de segunda geração e webjornalismo de terceira geração.

No primeiro momento, segundo Mielniczuk (2003, p.2), "os produtos oferecidos eram reproduções de partes dos grandes jornais impressos, que passavam a ocupar o espaço na Internet". Ou seja, o jornalismo online podia ser descrito pelas cópias das principais matérias de algumas editorias, sem qualquer mudança, adaptação de texto ou ferramentas multimídias. Era apenas a transição literal de conteúdo, deixando de lado as peculiaridades oferecidas pela web, como os *links*. Essa fase é chamada "transpositiva".

João Canavilhas (2001) também caracteriza esse período. Ele afirma que "com o aparecimento da internet verificou-se uma rápida migração dos *mass media* existentes para o novo meio sem que, no entanto, se tenha verificado qualquer alteração na linguagem". Para ele, nesse momento, "o chamado "jornalismo online" não é mais do que uma simples transposição dos velhos jornalismo escrito, radiofônico e televisivo para um novo meio.

Para Barbosa (2002), essa fase transpositiva dá início a um novo pensamento por parte das empresas jornalísticas, que passaram a ter outra visão de produção.

A transposição é o modelo de jornalismo online correspondente à fase inicial de expansão da World Wide Web (WWW), que no Brasil se dá a partir de 1995 com a liberação do acesso comercial e a operação de provedores, coincidindo com o lançamento da primeira edição completa de um jornal nacional na Internet - o Jornal do Brasil (www.jb.com.br). Após a euforia da estreia na rede, os grupos editoriais, assim como as empresas jornalísticas, perceberam que para seus respectivos sites terem visibilidade precisariam ser acessados e, para isso, era necessário ofertar conteúdos exclusivos para além daquele disponível nas edições impressas, implementando canais de notícias em "tempo real" para despertar e criar o hábito da leitura da versão online (BARBOSA, 2002, p.3).

No segundo momento, Mielniczuk (2003) aponta que mudanças começam a ocorrer. A partir de então, ela afirma que, mesmo ocorrendo ainda cópias de matérias do impresso para a Web, já começa a surgir uma tentativa de "explorar as características específicas oferecidas pela rede". Ou seja, começam a surgir os *links*, com chamadas que redirecionam o leitor para outras matérias, e passa a existir também a interação do jornalista com o leitor, por meio de fóruns de debates ou do *e-mail*.

Canavilhas (2001) classifica esse momento como decisivo, por ser um divisor de águas, em que deixa a máxima "nós escrevemos, vocês leem" no passado. Além dos fóruns de debates e do e-mail, Canavilhas (2001) cita os comentários como elementos fundamentais para essa interação. Ele afirma que tal interatividade deve ser vista como um dos mais fortes trunfos a serem explorados pelo Webjornalismo justamente por propor um novo formato na produção de conteúdo, em que o leitor deixa de ser passivo e tem papel cada vez mais ativo. Essa relação

pode ser imediata. A própria natureza desse meio garante que o webleitor interaja em tempo real.

Para que tal seja possível o jornalista deve assinar a peça com o seu endereço eletrônico. Dependendo do tema, as notícias devem incluir um "faça o seu comentário" de forma a poder funcionar como um fórum. No webjornalismo a notícia deve ser encarada como o princípio de algo e não um fim em si própria. Deve funcionar apenas como o "tiro de partida" para uma discussão com os leitores. Para além da introdução de diferentes pontos de vista enriquecer a notícia, um maior número de comentários corresponde a um maior número de visitas, o que é apreciado pelos leitores (CANAVILHAS, 2001, p.2).

Em diversos sites, a interação dos usuários é vista até como parte da produção ou edição da notícia, tendo em vista que os webleitores podem promover debates e, inclusive, identificar eventuais erros na matéria. Nesse contexto, Suzana Barbosa (2002) define que a interatividade é uma das quatro características chaves para essa nova espécie de jornalismo, e a classifica:

A interatividade, sendo o principal elemento do ambiente online, está relacionada com a própria interação entre os conteúdos (um texto pode trazer links para reportagens anteriores, por exemplo), além das possibilidades de interferência do leitor – o consumidor da notícia – nos conteúdos acessados. Seja através de e-mail à redação, sugerindo assuntos a serem abordados, de mensagem enviada diretamente ao redator da matéria, ou ainda através da opção “envie seus comentários sobre esta matéria”, o leitor terá participação ativa, interferindo no conteúdo e opinando diretamente na produção da informação (BARBOSA, 2002, p.5).

Além da interatividade, a hipertextualidade, a multimídia e a customização ou a personalização do conteúdo são outras características próprias desse contexto. Barboel e Deuze, citados por Barbosa (2002), definem a hipertextualidade como a natureza específica do jornalismo na internet. Com os hiperlinks e hipertextos, o jornalista tem a possibilidade de oferecer informações que vão da notícia original até documentos, informações ou outras matérias que complementem esse conteúdo, o que garante ao leitor maior possibilidade de analisar, conhecer e se aprofundar em certo assunto ou fato.

A multimídia é definida como a convergência de formatos de mídias tradicionais – texto, imagem, áudio – em um único suporte. Já a customização, ou personalização do conteúdo, ocorre quando o próprio usuário define as informações que lhe são mais interessantes e o modo como são recebidas ou apresentadas essas informações, como definiu Barbosa.

A customização de conteúdo se dá através do próprio percurso escolhido pelo usuário para ler as informações, sendo uma característica ligada propriamente à relação com os leitores-usuários, pois lhes assegura também a possibilidade de personalizar os conteúdos através do recebimento de informações sobre determinados assuntos do seu interesse. Ou seja, pode ter um produto jornalístico ajustado às suas necessidades de informação (BARBOSA, 2002, p.5).

Ainda na definição de Luciana Mielniczuk (2003), no terceiro momento ela afirma que “o cenário começa a modificar-se com o surgimento de iniciativas tanto empresariais quanto editoriais destinadas exclusivamente para a Internet”. É somente nesta etapa que já podem ser observadas as competências da web com finalidades jornalísticas. Pode-se identificar, enfim, o Webjornalismo explorado em todas suas potencialidades.

Neste estágio, entre outras possibilidades, os produtos jornalísticos apresentam: – recursos em multimídia, como sons e animações, que enriquecem a narrativa jornalística; – recursos de interatividade, como chats com a participação de personalidades públicas, enquetes, fóruns de discussões; apresentam opções para a configuração do produto de acordo com interesses pessoais de cada leitor/usuário; – a utilização do hipertexto não apenas como um recurso de organização das informações da edição, mas também como uma possibilidade na narrativa jornalística de fatos; - atualização contínua no webjornal e não apenas na seção ‘últimas notícias’ (MIELNICZUK, 2003, p.4).

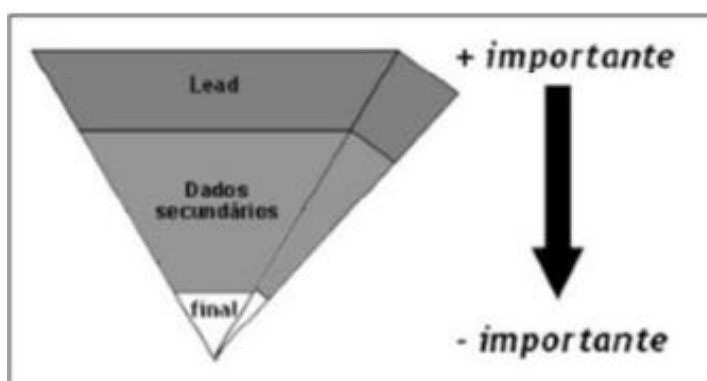
Para Canavilhas (2001), a introdução desses elementos multimídia na notícia obriga a leitura a se tornar não linear, ou seja, diferentemente do material produzido nos outros meios jornalísticos, em que o leitor deve seguir a sequência início, meio e fim. A partir de então é constituído um novo período, em que a pirâmide invertida³ passa à pirâmide deitada, pondo fim à verticalização da informação e deixando a comunicação de forma horizontal. Assim, os utilizadores podem navegar livremente num texto, que estará dividido em blocos, sem ter que seguir obrigatoriamente a leitura de um texto escrito seguindo as regras da pirâmide invertida.

A possibilidade de conduzir a própria leitura revela uma tendência do utilizador para assumir um papel proativo na notícia, ainda que apenas por força do estabelecimento da sua própria pirâmide invertida. Este dado é importante, pois como é sabido, a técnica da pirâmide invertida é a base do jornalismo escrito[...] No webjornalismo não faz qualquer sentido utilizar uma pirâmide, mas sim um conjunto de pequenos textos hiperligados entre si. Um primeiro texto introduz o essencial da notícia estando os restantes blocos de informação disponíveis por hiperligação (CANAVILHAS, 2001, p.3).

³ Técnica de redação fundamental, em que o jornalista organiza a notícia colocando a informação mais importante no início e o menos importante no final, de forma que o leitor apenas pode efetuar a leitura seguindo o roteiro definido pelo jornalista.

Canavilhas (2001) afirma que, para falar de jornalismo, é indispensável falar de pirâmide invertida. Porém, as características da *web* fazem com que alguns pressupostos, inclusive o dessa técnica de redação, deixem de fazer sentido nesse meio. Inicialmente porque o espaço da *web*, por não ser físico, passa a ser infinito, anulando a necessidade de estar limitado a um determinado espaço para encaixar o texto. Ele então propõe que o texto esteja disposto em blocos, que estão interligados, mas que o leitor pode navegar entre eles.

Figura 1: Pirâmide invertida



Fonte: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>>

A arquitetura noticiosa da pirâmide invertida teve início na Guerra da Secessão, nos Estados Unidos (1861 - 1965), em que o telégrafo, grande inovação técnica da época, possibilitava aos jornalistas enviarem suas crônicas de guerra diariamente. Mas essa tecnologia ainda não tinha uma grande eficiência técnica e, para assegurar iguais condições de envio para todos, ficou estabelecido que cada um enviaria o primeiro parágrafo do seu texto e, após isso, iniciava-se o envio dos outros parágrafos.

Isso fez com que os jornalistas, ao invés de seguir o roteiro cronológico dos acontecimentos, passassem a escrever os fatos por valor noticioso, colocando o que tinha de mais importante no começo dos textos e garantindo assim que os dados mais relevantes chegariam aos seus jornais. Porém, anos depois, a técnica já passa a ser questionada por alguns jornalistas.

Apesar da eficácia na transmissão rápida e sucinta de notícias, a aplicação desta técnica tende a transformar o trabalho jornalístico numa rotina, deixando pouco campo à criatividade e tornando a leitura das notícias pouco atrativa, pelo que a importância desta técnica tem sido objeto de muitas polêmicas (CANAVILHAS, 2001, p.6)

Com o surgimento do jornalismo na *web*, esse questionamento passou a ser ainda maior. Guillermo Franco (2006), entretanto, afirma que a Internet, além de ter retomado a importância da pirâmide invertida, destacando-a como a melhor técnica para a produção de textos jornalísticos, deu ao usuário a possibilidade de construí-la.

Segundo Mencher, a pirâmide invertida permaneceu porque satisfaz as necessidades dos usuários dos meios de comunicação. “Os leitores desejam saber o que aconteceu, assim que a matéria começa a se desenvolver. Se for interessante, prestarão atenção. De outra forma, irão a outro lugar. As pessoas vivem ocupadas demais para parar sem nenhuma recompensa”, diz. Embora Mencher não tenha feito essa afirmação na versão original de seu livro em referência a textos escritos para a Internet, e sim a textos impressos, essa forma de apresentar conteúdos é a que mais se ajusta ao ambiente digital e satisfaz as necessidades dos usuários (FRANCO, 2006, p. 55).

Ferrari (2014) reforça essa tese ao garantir que o lide é um conceito tradicional do jornalismo que não pode ser esquecido na *web*. Pelo contrário, deve ganhar força. É fundamental, ao escrever on-line, dizer ao leitor da maneira mais rápida e direta quais as informações mais importantes e justificar por que ele deve continuar lendo aquele texto. O lide não deve substituir ou acabar com o final, mas apenas uma forma de dar motivos ao internauta para que ele continue lendo aquela matéria.

A partir de então, o restante da matéria, pode seguir qualquer estrutura, a critério do jornalista. Isso permite com que o texto traga as informações mais importantes logo no início e, mesmo assim, possa ser escrito de forma mais “livre”.

Mesmo com as afirmações de Franco e Ferrari, alguns autores se opuseram ao uso da pirâmide invertida na *web*, por justificarem que sua utilização não deixa a navegação livre, como deveria ocorrer. Prado (2011) afirma que o internauta é o responsável por escolher a dinâmica da sua leitura. Por isso, destaca apenas os assuntos que lhe são mais interessantes e os colocam em uma ordem de prioridade, para facilitar a leitura e torná-la mais rápida, mudando assim o fluxo de como consomem informação. Pensamento que converge com o de Canavilhas (2001).

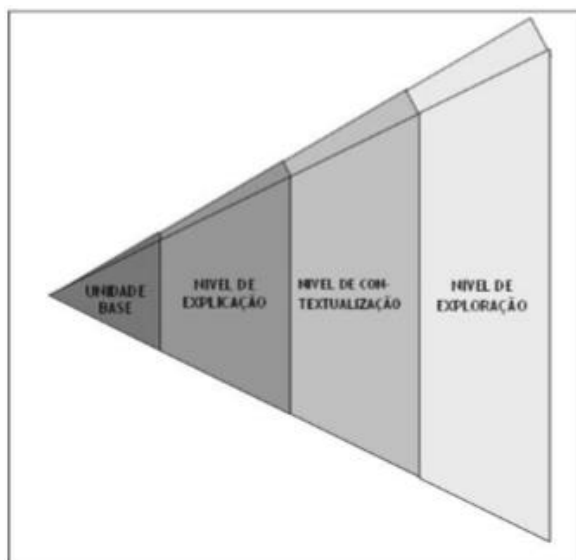
Partilhamos desta última opinião, pois consideramos que a técnica em causa está intimamente ligada a um jornalismo muito limitado pelas características do suporte que utiliza – o papel. Usar a técnica da pirâmide invertida na *web* é cercar o webjornalismo de uma das suas potencialidades mais interessantes: a adoção de uma arquitetura noticiosa aberta e de livre navegação (CANAVILHAS, 2001, p.7)

Para ele, com a técnica da pirâmide deitada, o leitor pode ficar livre para deixar a leitura a qualquer momento sem que perca o fio da história. Entretanto, ele tem a possibilidade de seguir apenas um dos eixos de leitura ou então de navegar dentro da notícia, sem que seja necessário seguir uma ordem cronológica. Canavilhas (2006) propõe que essa nova técnica textual seja definida em quatro camadas, os chamados níveis de leitura:

A Unidade Base – o lead – responderá ao essencial: o quê, quando, quem e onde. Este texto inicial pode ser uma notícia de última hora que, dependendo dos desenvolvimentos, pode evoluir ou não para um formato mais elaborado. O nível de explicação responde ao porquê e ao como, completando a informação essencial sobre o acontecimento. No nível de contextualização é oferecida mais informação – em formato textual, vídeo, som ou infografia animada – sobre cada um dos W's⁴. O Nível de Exploração, o último, liga a notícia ao arquivo da publicação ou a arquivos externos (CANAVILHAS, 2006, p. 15).

Canavilhas (2006) afirma ainda que a pirâmide deitada é uma técnica que garante mais liberdade não só para os usuários, que têm a possibilidade de navegar dentro da notícia, fazendo uma leitura pessoal, mas também para os próprios jornalistas, que têm à sua disposição uma série de recursos e estilos que, em conjunto com novos conteúdos multimídia, permitem diferentes formas de elaborar cada nova notícia no Webjornalismo, sem deixá-lo limitado.

Figura 2: Pirâmide deitada



Fonte: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>>

⁴ Os 5Ws do jornalismo correspondem às perguntas que compõem o lead, que deve transmitir um resumo do fato, respondendo: Who, What, When, Where, Why and How (em português: Quem? O Que? Quando? Onde? Porque e Como?)

O autor afirma ainda que a arquitetura sugerida, embora dividida em quatro camadas, se desenvolve em seis níveis de informação. E explica:

[...] uma primeira com o resumo do assunto; uma segunda com versões alargadas de alguns dos elementos dominantes, mas organizadas como elementos autónomos; um terceiro nível de informação com mais documentação de vários tipos sobre o assunto em análise; um quarto nível de enquadramento, com referências a outras investigações no campo de investigação; um quinto nível pedagógico, com propostas para discussão do tema nas aulas; por fim, a sexta e última camada com as reações dos leitores e suas discussões com o autor (CANAVILHAS, 2012, p.8).

Para Canavilhas (2012), embora este modelo tenha sido proposto para o meio acadêmico, sua adaptação ao jornalismo tem total sentido, tendo em vista que contemplam todos os elementos para uma boa produção jornalística para *web*, já que a forma de estruturar uma notícia para esta plataforma está diretamente ligada à sua arquitetura. Com a técnica da pirâmide deitada, é possível fazer com que os leitores sigam os assuntos até o limite das informações disponíveis, seguindo os links e passando para outros níveis de informação.

2.3 Vamos falar de convergência

Falar de Webjornalismo é falar de convergência. Sobretudo nos tempos de hoje, em que vários dispositivos móveis, como *smartphones*, câmeras digitais, *tablets* e outros aparelhos semelhantes são utilizados para produção de material para a rede. O termo convergência remete a um conceito relativamente novo no jornalismo e está diretamente ligado a uma das principais características do Webjornalismo que já foi abordada no tópico anterior: a multimídia. Entretanto, graças ao crescente desenvolvimento da tecnologia nos últimos anos, tem gerado várias mudanças no meio jornalístico. Essas alterações ocorrem em diversos segmentos, que vão desde a forma como o conteúdo é produzido, até a maneira como é divulgado pelos veículos de comunicação, assim como a forma que é recebido pelos usuários.

Para Canavilhas (2012), os avanços tecnológicos das últimas décadas fizeram com que fosse possível “levar as notícias mais longe e mais rápido, colocando a informação noticiosa ao alcance de uma audiência mais vasta”. Essa é uma forma de democratização de acesso à notícia que tem claras vantagens. Entretanto, o autor faz ressalvas importantes.

[...] ao procurar uma linguagem média e um conjunto de assuntos de interesse geral, o jornalismo tende a perder especificidade, devido à necessidade de se tornar mais generalista. No limite, esta massificação pode levar ao desinteresse de vários segmentos da população, o que acaba por reduzir as audiências (CANAVILHAS, 2012, p.2)

Ferrari (2014) afirma que os elementos que compõem o conteúdo on-line vão muito além dos tradicionalmente utilizados na cobertura impressa – textos, fotos e gráficos, lembrando que até mesmo o texto deixou de ser definitivo. Pode-se adicionar recursos como vídeo, áudio e ilustrações animadas. Inclusive, é possível combinar todos esses recursos juntos. Para que seja possível explorar todas essas novas possibilidades, a autora sugere que os jornalistas procurem histórias que possam ser contadas de uma forma melhor na internet do que em outras mídias.

No caso da série “Futebol de Raiz”, objeto de estudo desta pesquisa, isso fica bem evidenciado quando o autor utiliza-se de todos esses recursos para a construção das narrativas jornalísticas. Os produtos são pensados de maneira convergentes, contemplando todas essas alternativas disponíveis.

De acordo com Ferrari (2014, p.40), os principais desafios do jornalismo digital estão relacionados à necessidade de preparar como um todo as redações e aos jornalistas, em particular. Henry Jenkins (2009) afirma que a convergência das mídias vai além de uma mudança tecnológica.

A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. Lembre-se disso: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final (JENKINS, 2009, p.43)

Essa convergência, gerada pela multimídia, é elemento fundante da era do Webjornalismo, garante Prado (2011). Jamais poderíamos imaginar que um único espaço seria capaz de possibilitar ao usuário ler, assistir e ouvir tudo que se acontece em todo o mundo de forma tão convergente.

Caio Túlio Costa (2014) garante que, do ponto de vista do conteúdo, a informação não para, pois não tem hora para acontecer ou ser produzida, e ainda pode e deve ser refeita a qualquer momento, sempre apostando em novos formatos e utilização de vários recursos disponíveis. A convergência é, então, cada vez mais perceptível.

Por isso, qualquer veículo que tenha intenção de produzir conteúdo jornalístico, especialmente as redações, devem estar preparados para produzir conteúdos multimídias que sejam capazes de circular em diferentes plataformas. As redações que forem capazes de entender esse tipo de necessidade terão maior chance de sucesso do que as que se limitam aos formatos tradicionais.

2.4. Impacto dos avanços tecnológicos no papel do jornalista e nas narrativas jornalísticas

Se a Internet e os avanços tecnológicos já aqui apresentados contribuíram para mudanças na forma de comunicação, inevitavelmente, foram responsáveis também por alterações no papel do comunicador. O jornalista, no caso, teve seu papel redefinido no processo de produção de conteúdo. Foi necessária uma readaptação às novas tecnologias e suas peculiaridades, que acarretaram em novas formas de pensar jornalismo, de acordo com as características do Webjornalismo e desse novo modelo proposto.

Pressionado pelas novas tecnologias, pelo crescimento de setores de comunicação organizacional e de jornalismo de entretenimento, pela participação ativa do público e pela democratização das formas de acesso ao espaço público midiático, o jornalista profissional parece vivenciar um momento de indefinição (PEREIRA, 2003, p.39).

Assim como todos os cidadãos, o jornalista passou a ter acesso mais fácil e rápido a novas fontes de pesquisa e de informação, o que proporcionou cada vez mais instantaneidade e velocidade nas publicações. De acordo com Prado (2011), as gerações que vêm surgindo na era digital já crescem dominando várias mídias simultaneamente. Com isso, “o profissional bem sucedido do século XXI é multimídia e multitarefeiro” (PRADO, 2011).

Podemos perceber então que a Internet está formando, além de novas formas de jornalismo, também novos perfis de jornalistas. Segundo Prado (2011), as constantes mudanças no papel do jornalista formam uma tendência que deve ser acentuada cada vez mais para os profissionais que pretendem se adequar à nova realidade do mercado.

É jornalista-radialista digitalizado, cinegrafista e fotógrafo. Está certo que escrever bem ainda é e sempre será o fundamental. Mas não basta mais só saber redigir, o mercado carece e prefere que o jornalista saiba, de forma extremamente profissional (porque amadores são pantópicos), gerar páginas na internet, fazer locução, mexer em câmeras e, em muitos casos, editar também; tudo isso com visão aguçada, claro (PRADO, 2011, p.20).

O pensamento de Prado converge com as ideias de José Benedito Pinho (2003), que destaca ainda os elementos básicos elementares para que as páginas Web sejam efetivas. Para ele, “o processo de redação para Web traça um perfil das funções e qualificações necessárias para o redator e o editor”. As atividades realizadas por esses profissionais são ainda mais numerosas e completas do que a de outros jornalistas que atuam em outros meios.

A principal função do redator e do editor de Web, diretamente relacionada com a atividade jornalística, é a de criar, coordenar, escrever e editar histórias que estarão disponíveis on-line. O redator desenvolve ideias a serem transformadas em histórias, consulta suas fontes e coleta informações que são necessárias para o desenvolvimento da matéria, redige notícias e reportagens e, muitas vezes, atua também como seu próprio editor (PINHO, 2003, p. 195).

Entretanto, para analisar o papel dos jornalistas na atualidade, é preciso entender o cenário marcado por um conjunto de mudanças e transformações no jornalismo em si. O que hoje em dia pode se observar nas redações é que os jornalistas devem, cada vez mais, desempenhar várias funções. O jornalista passa a ser um profissional “faz tudo” para sobreviver nessa nova realidade mercadológica. Ou seja, é preciso domínio das novas mídias digitais, e ele deve compreender as peculiaridades do meio para qual o conteúdo será elaborado. O que, segundo Ferrari (2011), desenvolve no repórter uma visão multidisciplinar, em que ele passa a ter noções comerciais e de marketing.

Para se ter uma ideia dessa mudança do fazer jornalístico, o portal G1 prepara o repórter para ir à rua com um *notebook*, um *modem wireless* para acesso à banda larga, uma máquina fotográfica digital, um gravador de áudio digital e um radiocomunicador [...] ou seja, jornalismo multimídia pressupõe domínios de vários apetrechos tecnológicos, olhar de editor de fotografia e uma agilidade impensável nos veículos impressos (FERRARI, 2011, p. 40)

Além disso, os avanços tecnológicos fizeram com que o papel do jornalista sofresse mudanças pela atuação da sociedade em geral. Segundo Caio Túlio Costa (2014), atualmente, qualquer cidadão pode escrever, fotografar, filmar e relatar fatos que são de interesse jornalístico. Isso não faz com que o papel do jornalista seja eliminado, mas, sim, alterado. É preciso que o jornalista entenda bem seu papel, para poder filtrar e contextualizar informações de interesse público. Principalmente porque, no Webjornalismo, assim como nos outros segmentos, é seu dever seguir os passos da rotina produtiva jornalística: pauta, apuração e redação.

No Webjornalismo, entretanto, esse ritmo deve ser ainda mais acelerado, pela necessidade da instantaneidade da informação. Segundo Jorge, Pereira e Adghirni (2009), diferentemente do jornalista do impresso, por exemplo, que possui *deadline*, o webjornalista não trabalha com horário de fechamento. Porém, ele deve produzir em tempo real, para que a notícia seja publicada o mais rápido possível. Entretanto, essa necessidade pela velocidade não deve prejudicar o processo de produção, que deve ter todas as etapas respeitadas, como

checagem da veracidade das informações que serão veiculadas, para que não sejam publicadas incorretamente.

Todas essas mudanças, conseqüentemente, resultaram também em uma nova reconfiguração das técnicas e padrões das narrativas. Assim como o papel do jornalista e suas tarefas no dia a dia, as peculiaridades da Internet e dos avanços tecnológicos também reinventaram as formas jornalísticas de narrar, que passaram por alterações, tendo em vista que ficou possível a criação de novos formatos de narrativas, potencializados pela convergência das diversas mídias que podem ser utilizadas na narração de uma história.

Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), narrativa “é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado”. Com isso, o romance, o conto, o poema constituem diferentes formas de narrativa. Entretanto, os autores fazem ressalva que a narrativa não é um privilégio exclusivo da arte ficcional. Quando um veículo de comunicação, como um jornal, noticia um acontecimento factual, já traz uma narrativa.

O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (que, o que, como, quando, onde, por quê) constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem. Esta é uma extensão da notícia e, por excelência, a forma-narrativa do veículo impresso (embora a entrevista, sobretudo o perfil, possa também, às vezes, assumir uma forma narrativa). A reportagem constitui, assim, basicamente, um dos gêneros jornalísticos. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.3)

Ijuim e Sardinha (2009) reafirmam isso, partindo do princípio que “as notícias são narrativas, ‘estórias’, marcadas pela cultura jornalística – seus recursos e as formas de pensar e fazer – e pela cultura da sociedade em que estão inseridos” (IJUIM; SARDINHA, 2009, p.159). Sendo assim, o repórter atribui significados aos fatos de acordo com seu repertório de referenciais simbólicos da cultura.

Para Fernando Resende (2009), o ato de narrar é, não somente a oralidade; “ele é, por excelência, fruto da necessidade que o homem tem de contar e recontar as histórias que permeiam a vida” (RESENDE, 2009, p.34). Significa mais que apenas reproduzir as histórias. Mas, sim, atribuí-las sentidos, transformando os fatos captados de acordo com a percepção do narrador, para que este possa narrar de acordo com modos de compreensão e entendimento do mundo em que vive.

Podemos compreender então que as narrativas resultam de uma combinação de um fato real com o ponto de vista subjetivo dos jornalistas, que estão realizando-a de acordo com

os critérios de noticiabilidade inerentes à profissão. Sendo assim, cabe ao jornalista produzir, elaborar e apresentar uma narrativa de acordo com sua interpretação, seguindo as regras jornalísticas.

(...) esse contar pode nascer, hoje principalmente, nos vários lugares em que a vida acontece. Ao contrário então do que pensa Benjamin, o romance é, ele próprio, um tipo de narrativa. Outros tipos, por exemplo, reportagens e notícias, também, de alguma maneira, recontam e criam sentidos – e, portanto narram – as experiências do homem no mundo (RESENDE, 2009, p.4).

Dessa forma, Resende (2009) vai definir uma visão das narrativas jornalísticas “como histórias que geram outras. O fato não se encerra nele próprio, ele gera significado. No exercício da narrativa, ele produz sentido, formando, quem sabe, outros polos possíveis de compreensão do cotidiano” (RESENDE, 2009, p.41).

Gustavo de Castro e Silva (2005) afirma que a narração “representa um ideal estilístico para quem quer que se aventure no relato de histórias e fatos”. Segundo o autor, investir na narração, na velha fórmula da boa história a se contar, pode ser uma das saídas para o jornalismo contemporâneo, que vem passando por dificuldades. Sem, entretanto, deixar de mesclar com a velha regra do lide a outras técnicas. Porém, isso não é tarefa fácil, pois exige do jornalista a capacidade de não somente contar sempre uma boa história, mas também de prender a atenção do leitor desde a primeira linha.

Os recursos disponibilizados na web possibilitam uma nova forma de narrar. Surge a “reportagem multimídia”, em que o jornalista pode utilizar-se de conteúdos multimídias de todo tipo (imagens, áudios, vídeos, gráficos).

3. NARRATIVAS JORNALÍSTICAS NA WEB E O JORNALISMO HUMANIZADO NO ESPORTE

Neste capítulo, a pesquisa volta seu foco para as narrativas webjornalísticas, contextualizando esse estilo em meio às narrativas jornalísticas em geral, ressaltando as potencialidades que a internet oferece para a construção dos textos narrativos. Nesse cenário, destaca-se a possibilidade da utilização da narrativa em formato hipertextual, que é capaz de oferecer uma reconfiguração do ponto de vista narrativo, por estar esse novo conceito ligado a um novo leitor.

Narrativa, sabe-se, é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado. [...] O romance, o conto, às vezes mesmo o poema, constituem formas diferentes de narrativa (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11)

Também será trabalhado o conceito de jornalismo humanizado como ramificação do jornalismo literário, que, em sua essência, possibilita mais criatividade e liberdade ao autor na construção do texto. Veremos a seguir que é exatamente esta uma das premissas marcantes na série “Futebol de Raiz - Um retrato do futebol de subúrbio de Fortaleza”, do site Verminosos por Futebol, objeto central desse estudo.

Será detalhado também neste capítulo o estilo de narrativa romance-reportagem, mais especificamente quanto à sua conceituação no ambiente do jornalismo esportivo. A pesquisa, sobretudo, que tem como objetivo descrever as técnicas utilizadas em um gênero de narrativa, que mescla a objetividade da reportagem em seu âmbito jornalístico à ficção do romance.

3.1 As narrativas jornalísticas na web

A Internet, como espaço que suporta todos os elementos tradicionais do jornalismo (texto, imagens, áudio, vídeos e gráficos), assim como também as novas potencialidades oferecidas pelos avanços tecnológicos (interatividade, multimídia, customização e personalização), é um ambiente em que as narrativas estarão passando constantemente por mudanças. As narrativas jornalísticas na web, como o próprio nome já sugere, são conteúdos – geralmente reportagens – que recorrem aos diversos recursos disponibilizados para este meio. Inclusive, da convergência destes.

Ao falarmos de narrativas jornalísticas na web, temos de mencionar narrativas jornalísticas. Como já foi citado no capítulo anterior, o exercício das narrativas consiste no modo em que os jornalistas contam os fatos que ocorrem na sociedade. As narrativas na web tratam, portanto, da tarefa do jornalista em comunicar da mesma forma, mas agora por meio da web. Isso significa levar em conta todas as suas peculiaridades.

Para Bertocchi (2006), “quando diversos autores mencionam a retórica ciberjornalística estão a falar de um campo que está a ser construído muito com base na retórica do hipertexto”. A autora afirma que o hipertexto estabelece uma nova retórica, a retórica hipertextual.

A retórica hipertextual não visa apenas o quadro de simples hipertextos colaborativos, mas a co-autorialidade. Essa estratégia, segundo Mourão (2005), consiste em dotar o leitor de uma “liberdade que lhe permita construir sentido por meio de processos e figuras retóricas tradicionalmente dedicadas à onisciência do autor”. O autor, desta forma, para Mourão, deve inventar uma retórica hipertextual para suprir o caráter elíptico da narração (BERTOCCHI, 2006, p. 134).

Mielniczuk (2004) destaca que a possibilidade de explorar essas potencialidades desenvolve na web o que é chamado de jornalismo contextualizado. Mielniczuk (2004) cita Pavlik (2001) ao afirmar que o autor enumera cinco aspectos que são responsáveis por constituir esse jornalismo contextualizado, e que eles serão capazes de proporcionar mudanças consideráveis na narrativa jornalística. O primeiro deles refere-se aos tipos de comunicação, em que ele destaca câmara de vídeo omnidirecional com captação de imagens em 360°, que seria capaz de transformar a relação entre a veracidade dos fatos com o relato jornalístico. Isso porque captaria os detalhes de forma mais abrangente, o que mudaria a maneira de contar a história.

O segundo elemento apontado é a hipermídia, em que “o autor diz que essa é uma nova forma de apresentar a notícia, pois a revela de uma maneira muito mais rica do ponto de vista do contexto histórico, político e cultural” (MIELNICZUK, 2004, p. 6). O terceiro seria composto pelos recursos imersivos, através das tecnologias, em que “o diferencial estaria no envolvimento (percepção dos sentidos) do público na narrativa do fato jornalístico”.

O quarto e quinto elementos são, respectivamente, o conteúdo dinâmico e a personalização. Com relação ao primeiro, o autor refere-se à possibilidade de fluxo contínuo de informação a ser disponibilizado em tempo real. A personalização está diretamente relacionada com a possibilidade de obter informações de acordo com os interesses específicos de cada leitor/usuário. (MIELNICZUK, 2004, p.6).

Por conseguinte, a autora aponta que na web existe a possibilidade de uma narrativa em formato hipertextual, em que depende de outros processos de produção e se pode utilizar desses recursos citados para sua construção.

Para Mauro de Souza Ventura (2007), a escrita hipertextual estabelece uma nova configuração do ponto de vista narrativo, pois esse novo conceito está ligado a um novo leitor. Assim como Mielniczuk (2004), Ventura (2007) também destaca a importância da hipermídia, “dispositivo tecnológico que engloba recursos do hipertexto e da multimídia”.

[...] as tecnologias da hipermídia e do hipertexto viabilizam a construção de um texto fragmentado, atomizado em seus elementos constitutivos, ou seja, as lexias. Conforme Landow (1992:52), “essas unidades legíveis passam a ter vida própria ao se tornarem menos dependentes do que vem antes ou depois na sucessão linear”. Assim, é a tecnologia hipertextual que permite que a Web seja uma teia, uma malha de informações interconectadas, numa sucessão de links que conduzem o usuário a diferentes pontos do sistema (VENTURA, 2007, p. 2).

Segundo Lia Seixas (2009), no campo do webjornalismo, “o conceito de narrativa é trabalhado para qualquer estrutura hipertextual, seja uma notícia, uma crônica ou um infográfico animado”. Calvino (1988) propõe que a narrativa, para sobreviver no milênio da internet, deve basear-se em cinco propostas básicas: “leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade”. Inferimos, portanto, que as narrativas jornalísticas, incluindo as da web, devem se comportar de acordo com esses elementos, que são assim definidos por Calvino:

- Leveza: A leveza é um modo de ver o mundo fundamentado na filosofia e na ciência. Sua genialidade se manifesta em extrair da língua todas as possibilidades sonoras e emocionais, tudo o que ela pode evocar de sensações. Em transmitir a ideia de um mundo organizado num sistema, numa ordem, numa hierarquia, em que tudo encontra o seu lugar. A leveza para mim está associada à precisão e à determinação, nunca ao que é vago ou aleatório;
- Rapidez: O segredo está na economia da narrativa em que os acontecimentos, independentemente de sua duração, se tornam punctiformes, interligados por segmentos retilíneos, num desenho em ziguezagues que corresponde a um movimento ininterrupto. A principal característica do conto popular é a economia de expressão: as peripécias mais extraordinárias são relatadas levando em conta apenas o essencial; é sempre uma luta contra o tempo. O autor explica que a verdadeira estrela desse conto é o próprio conto, a forma de narrar;
- Exatidão: Exatidão quer dizer principalmente três coisas: Um projeto de obra bem definido e calculado; a evocação de imagens visuais nítidas, incisivas,

memoráveis; uma linguagem que seja a mais precisa possível como léxico e em sua capacidade de traduzir as nuances do pensamento e da imaginação. Calvino admite que a exatidão é difícil;

- **Visibilidade:** Neste capítulo, o autor ilustra a imaginação, o sonho, a fantasia, em forma de escrita. Todas as ‘realidades’ e as ‘fantasias’ só podem tomar forma através da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal;
- **Multiplicidade:** Trata o romance contemporâneo como enciclopédia, como método de conhecimento, e principalmente como rede de conexões entre os fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo.

Seixas (2009) lembra, ainda, que a hipertextualidade relaciona as informações em blocos, garantindo ao internauta o que parece ser o caminho ideal para a compreensão de determinada notícia.

3.2 O jornalismo humanizado

Falar de jornalismo humanizado é falar de jornalismo literário. O jornalismo literário é considerado um estilo de jornalismo que, como o próprio nome já diz, une o texto jornalístico com aspectos literários, abordando uma escrita mais aprofundada, detalhada e, porque não dizer, requintada. O jornalismo tem a função de informar a sociedade com objetividade para que os cidadãos possam compreender a realidade em que vivem. Já a literatura está diretamente ligada ao subjetivismo. Porém, não está distante do jornalismo no quesito informação, por possuir também um caráter de noticiabilidade, mas com um texto que permite mais personalizações, sem estar unicamente comprometido com o papel de passar informações curtas e claras. O texto literário abre espaço para mais criatividade e liberdade do autor.

Andreia Rosmaninho (2005) destaca que existem várias nuances de modalidades entre o exercício do jornalismo e a prática da literatura, e que o jornalismo literário está no meio destes dois extremos. Surge, então, o “Novo Jornalismo”.

São igualmente importantes para esta modalidade a veracidade dos fatos e a qualidade estética do produto. A fidelidade factual, a cautela documental, o capricho estilístico

e o emprego da subjetividade são aspectos intrínsecos à técnica de relatar com literariedade⁵ (ROSMANINHO, 2005, p.1).

Gustavo de Castro e Silva (2005) afirma que jornalismo literário não é um espaço em que o leitor pode ler contos, histórias, crônicas e novelas (embora também possa ser), mas sim uma “conjunção de conhecimentos, saberes, técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que podem (e devem) estar a serviço das rotinas de produção jornalísticas” (SILVA, 2005, p.7). E acrescenta:

É, por isso mesmo, um tipo específico do fazer jornalístico que não exclui a princípio nenhum recurso metodológico ou narrativo: diálogos, perfis, contos, cordéis, entrevistas, poesias, pingue-pongues, crônicas, matérias informativas convencionais, relatos na primeira pessoa, notinhas, cartas, ensaios, artigos, fragmentos, tudo ou quase tudo é permitido desde que se saiba usar com talento, engenho e bom senso. É exatamente por ser livre, desafiador e arriscado ao ser manipulado, que o Jornalismo Literário foi pouco entendido, até porque pode ser visto mais como uma anarquia estilística do que em seu aspecto sistêmico e complexo (SILVA, 2005, p.7).

Silva (2005) destaca ainda que esse estilo foge da tradicional objetividade de textos jornalísticos de redação, que ficam presos apenas à factualidade dos acontecimentos, por contar com a subjetividade do repórter, em que é levada em consideração a capacidade discursiva de, em uma narrativa, unir informação e conhecimento por ele já adquirido.

O jornalismo literário, logo é uma ramificação do jornalismo, que une o texto “conciso e objetivo” com os recursos literários, tornando assim o produto recheado de informações e mais atrativo ao leitor.

De acordo com Felipe Pena (2006), jornalismo literário não se trata apenas de práticas que sejam diferentes às amarras das redações, ou de exercitar a prática literária em um livro-reportagem.

O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p.6).

É claro inferir então que o autor faz uma clara referência contrária às técnicas tradicionais de jornalismo, afirmando que o resultado eram matérias repetitivas, que não

⁵ Literariedade é o conjunto de características que regem os princípios de composição da arte de produzir escritos artísticos. Na condição de propriedade abstrata que torna a narrativa portadora de singularidade e de originalidade, a literariedade constitui a essência do fato literário.

despertavam atenção do leitor. Logo, Pena (2006) conta como Tom Wolfe, um dos pioneiros do “Novo Jornalismo”, destaca o papel do repórter nesse cenário.

Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual de redação. O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias (PENA, 2006, p.54)

Edvaldo Pereira Lima (2005) também faz críticas ao jornalismo tradicional, que segue exclusivamente as perguntas que compõem o *lead*. Seguir sempre nessa forma de narrativa acaba “engessando” o jornalista, fazendo com que ele perca sua criatividade e deixe de enxergar o mundo de maneira mais ampla, limitando-se à superficialidade dos fatos. Isso vai ser retratado em seus textos.

O autor, por isso, faz questão de destacar que técnicas literárias são elementos chave para a construção de textos jornalísticos de qualidade. “Um texto de Jornalismo Literário deve empregar uma variedade de recursos, para expressar a realidade sob perspectivas variadas, de um lado, e para manter a reportagem interessante, para o leitor, de outro” (LIMA, 2005).

Pena (2006), então, para tentar facilitar a compreensão, propõe a definição desse conceito a partir da nomenclatura que ele define como estrela de sete pontas. Ele assim denomina por serem “sete diferentes itens, todos imprescindíveis, formando um conjunto harmônico e retoricamente místico, como a famosa estrela”.

A primeira delas trata-se de potencializar os recursos do jornalismo. “O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais” (PENA, 2006, p.6). Ou seja, o jornalista literário não deixa de lado os princípios básicos da redação, como apuração rigorosa, observação atenta e abordagem ética. Estes elementos continuam extremamente importantes.

A segunda ponta consiste em algo que já foi dito acima: ir além dos acontecimentos cotidianos. Ou seja, nesse momento, o jornalista ultrapassa os limites do factual e acaba rompendo com duas características básicas do jornalismo: a periodicidade e a atualidade. O jornalista, então, não fica mais preso ao *deadline*, hora de fechamento da publicação, seja em jornal ou revista, e nem precisa se preocupar com “notícias quentes”, novidades, ou “hard news”, aqueles acontecimentos de um espaço de tempo mais imediato. O papel do jornalista é ultrapassar esses limites e proporcionar ao leitor uma visão mais abrangente e ampla dos fatos, caracterizando assim a terceira ponta da estrela.

Entretanto, Pena (2006) faz questão de ressaltar que “qualquer abordagem, de qualquer assunto, nunca passará de um recorte, uma interpretação, por mais completa que seja”.

A preocupação do Jornalismo Literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível – o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração (PENA, 2006, p. 7)

A quarta ponta da estrela consiste no exercício da cidadania. De acordo com o autor, este conceito parece ter caído no esquecimento. É dever do jornalista, porém, não ignorá-lo, pois faz parte do seu compromisso com a sociedade. Antes de qualquer reportagem, é necessário que o profissional do jornalismo pense qual abordagem utilizará e como ela vai contribuir para o bem comum dos cidadãos da sociedade em geral.

Felipe Pena afirma que a quinta característica do jornalismo literário é o rompimento do lide tradicional, que responde às seis perguntas básicas (Quem? O que? Como? Onde? Quando? Por quê?). Segundo o autor, esse modelo deixa os textos muito engessados. “Falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa” (PENA, 2006, p. 7).

A sexta ponta, por Felipe Pena, é a fuga de “definidores primários”, que ele classifica como sendo as mesmas fontes que os jornalistas recorrem para falar sobre determinado assunto. Isso acaba acontecendo pela falta de tempo no jornalismo diário, em que “repórteres sempre procuram os personagens que já estão legitimados neste círculo vicioso” (PENA, 2006, p. 15). Porém, é necessário buscar alternativas para fugir deste ciclo, entrevistando pessoas diferentes, para que se possa ter, conseqüentemente, abordagens diferentes, com pontos de vista diversificados.

A sétima e última ponta da estrela, definida por Felipe Pena, é a perenidade, pois, ao contrário de reportagens do cotidiano, que são, em sua maioria, superficiais, e acabam sendo esquecidas no dia seguinte, uma obra do jornalismo literário “não pode ser efêmera ou superficial” (PENA, 2006, p. 8).

[...] o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação (PENA, 2006, p. 8).

A partir destes conceitos de jornalismo literário, podemos então tratar do jornalismo humanizado. Para defini-lo, partimos de um ponto de discussão proposto por Ijuim (2014): existe um jornalismo humanizado?

O autor propõe que o fazer jornalístico é um ato de comunicação essencialmente social. O homem criou e desenvolveu ferramentas que possam lhe tornar possível essa vida em sociedade. Dentre esses sistemas, está a linguagem. Segundo Ijuim (2014, p.2), o desenvolvimento da linguagem tem reflexo direto nos pensamentos complexos do homem, pois, com a linguagem, os pensamentos podem se reorganizar e, assim, criar novos pensamentos. O ato de comunicar, portanto, é peculiar ao ser humano. O jornalismo, como ato de comunicação, tem seu surgimento justamente nesse contexto, pela “capacidade dos humanos de criar sistemas que lhes permitam compartilhar informações, pensamentos e ideias”. Por isso, o fazer jornalístico já é, em si, uma ação humanizada.

Por essas razões, pode-se afirmar que o jornalismo é desenvolvido graças à exclusiva capacidade humana de criar sistemas de comunicação. Como foi sistematizado, sobretudo a partir da modernidade, este incorpora os influxos humanizadores do pensamento moderno, o que lhe proporciona a oportunidade de operar no processo de humanização da sociedade (IJUIM, 2014, p. 4)

Ijuim (2014), entretanto, faz algumas ressalvas ao destacar alguns contrapontos que “desumanizam o jornalismo”. Para ele, “o Humanismo Universalista apresenta como princípio superar a dor e o sofrimento”. Dessa maneira, ao se imaginar o futuro, deve-se pensar “de forma otimista e pacífica para um novo tempo”. Não é que essa visão aspire um mundo padrão, mas justamente o oposto, que possa reconhecer e respeitar as diferenças existentes.

Daqui podemos extrair, então, alguns vícios [aquilo que avilta e desumaniza] desenvolvidos pela sociedade e ainda não foram superados coletivamente: crença nas verdades absolutas; sede de poder; intolerância; recusa e ignorância pela cultura do outro; desrespeito ao diferente e às diferenças (IJUIM, 2014, p. 6)

O jornalismo humanizado, então, é definido por ele como aquele em que são produzidas narrativas nas quais o ser humano é tanto o ponto de partida como o de chegada, o que supõe que o fazer humanizado está, antes da pauta, na consciência e na subjetividade do ser jornalista.

No trabalho de apuração, busca versões verdadeiras e não, necessariamente, produz a verdade, pois o repórter não se relaciona com um objeto, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da

consciência. Na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas (IJUIM, 2014, p. 14)

3.3. O romance-reportagem

O tipo de narrativa que será abordado nesse tópico será o romance-reportagem, por se encaixar dentro do estilo utilizado na série “Futebol de Raiz – Um retrato do futebol de subúrbio de Fortaleza”, objeto desta pesquisa. O significado de romance remete ao ficcional, ao imaginário, em que o autor de um texto pode usar da liberdade possibilitada pela escrita para traduzir em palavras a fantasia. Já a reportagem é o oposto disso. É tida como um retrato da realidade, que tem como base exclusivamente os fatos concretos, e está presa à veracidade dos acontecimentos, o que garante à narrativa maior certeza de credibilidade. Tendo como base essas definições, partimos para o questionamento: que é, então, o romance-reportagem?

Cosson (2002) contextualiza brevemente o surgimento da narrativa, que se deu no Brasil nos anos 1970, como um gênero que representava uma espécie de válvula de escape da literatura nos meios de comunicação em geral, mais especificamente no jornalismo, e que seu sucesso se deu no contexto político do País na época. Um período de censura dos jornais, especialmente na área de cobertura policial, o que levou aos jornalistas recorrerem à literatura para informar, com objetividade, o que os jornais deviam, mas não podiam publicar.

Mesmo assim, o romance-reportagem prosperou, em uma época que, segundo o autor, era comum “a literatura de olho no jornalismo, a reportagem de olho na literatura”. Segundo Cosson (2001), esse modo de noticiar tem como peculiaridade a capacidade de conseguir relacionar, em um mesmo texto, a objetividade do jornalismo à subjetividade literária, estabelecendo, assim, uma forma peculiar de narrar, que, com raras exceções, dificilmente é encontrada nos jornais diários tradicionais.

O Romance-reportagem pode ser compreendido em dois sentidos, o primeiro é como uma forma específica de narrar, o qual poderia ser considerado uma reportagem romanceada. O segundo sentido considera o romance-reportagem como decorrente da expansão do jornalismo em direção à ficção ou da invasão da literatura pelos repórteres (COSSON, 2001, p.13).

De acordo com Felipe Pena (2006, p.103), o romance-reportagem é um tipo de narrativa que não abre margem para a ficção. Nele, nada deve ser inventado. O autor tem de se concentrar total e exclusivamente nos fatos e em como irá apresentá-los ao leitor de forma literária, de maneira que não pode haver dúvidas. Se trata de uma mistura de narrativa jornalística com narrativa romanesca.

O romance-reportagem é a narrativa que mescla exatamente as duas narrativas, e tem como características marcantes a profundidade e a análise, sendo resultante da procura do jornalista em conseguir passar ao leitor uma visão subjetiva, mas ao mesmo tempo abrangente da realidade retratada.

Ele é visto ainda como um gênero que tem como marca navegar por outros gêneros jornalísticos existentes, como o informativo, o opinativo e o interpretativo. Apesar de ter características que lembrem a narrativa de ficção, o romance-reportagem é um trabalho jornalístico que exalta exatamente o oposto disso.

Pena (2006) reforça ainda que o romance-reportagem “usa adereços literários para aprofundar a abordagem sobre fatos reais”, tendo a missão de ir além do que apenas informar, mas também de buscar contextualizar os acontecimentos para o leitor.

[...] quem faz romance-reportagem busca a representação direta do real por meio da contextualização e interpretação de determinados acontecimentos. Não há preocupação apenas em informar, mas também em explicar, orientar e opinar, sempre com base na realidade (PENA, 2006, p. 103).

É justamente por meio destes fatos reais, aliados às técnicas aperfeiçoadas do jornalismo literário, que o romance-reportagem conta histórias para o leitor. Ao mesmo tempo em que tem também a capacidade de registrar os acontecimentos em reportagens mais elaboradas, abrangentes e detalhistas, não se contentando em apenas ser factual. Ele vai além do acontecimento.

3.3.1 O romance-reportagem no Jornalismo Esportivo

Antes de qualquer coisa, é preciso fazer uma breve ambientação do jornalismo esportivo. Como Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006) bem explicam no livro *Manual do Jornalismo Esportivo*, o jornalismo esportivo, apesar de suas especificidades, é apenas mais uma área do jornalismo. O jornalista que trabalha na cobertura esportiva tem as mesmas funções e deveres que o jornalista que trabalha em qualquer outra editoria.

Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13).

Unzelte (2009) reforça que a produção de matérias esportivas deve seguir, então, os mesmos processos que uma matéria de política, economia ou cotidiano, por exemplo: pauta, apuração e redação.

Por se tratar de uma área específica, trabalhar com esportes exige, do profissional de jornalismo, conhecimentos mais aprofundados. De acordo com Paulo Vinícius Coelho (2011) necessário conhecer os esportes, a linguagem e o público-alvo daquele meio.

Não existe jornalista de esportes. Existe o jornalista, aquele que se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades. Que se torna muitas vezes melhor quando é, de fato, conhecedor do assunto específico. Quando vira jornalista de basquete, de vôlei, de futebol, de automobilismo. Nunca de esportes (COELHO, 2011, p. 38).

Historicamente, no Brasil, o romance-reportagem estabeleceu relação com o jornalismo esportivo desde seus primórdios, em meados das décadas de 1940 e 50. Isso é fruto de como o jornalismo era feito na época em que o esporte começava a despertar de fato como paixão nacional. Segundo Paulo Vinícius Coelho (2011), “importava menos a informação precisa. Os cronistas cuidavam mais dos personagens e suas histórias, eventualmente romaneando-as”.

O autor destaca que, na época, muitos escritores brasileiros, como Nelson Rodrigues, Mário Filho e Armando Nogueira, alguns dos que eram responsáveis por publicações de textos esportivos nos jornais, davam um ar romântico às crônicas, que não eram exatamente jornalísticas. Elas iam além dos meros relatos dos jogos, que muitas vezes acabavam por ficar em segundo plano. Ali, o que realmente interessava era a história bem contada, sem o rigor da realidade.

A miopia de Nelson Rodrigues tirava-lhe a possibilidade de enxergar qualquer coisa em jogo de futebol, ainda mais em estádio grande como o Maracanã. E daí? Romance era com ele mesmo. Crônicas recheadas de drama e de poesia enriqueciam as páginas dos jornais em que Nelson Rodrigues e Mário Filho escreviam. Até jogo violento, como Bangu e Flamengo, que decidiu o Campeonato Carioca de 1966 – a partida não completou o tempo regulamentar porque o jogador Almir, do Flamengo, armou grande confusão -, era por eles tratado com rara dramaticidade (COELHO, 2011, p. 17)

Eram essas crônicas que motivavam os torcedores a irem ao estádio no jogo seguinte e, especialmente, para ver os ídolos em campo. A dramaticidade atribuída aos textos servia para aflorar a imaginação dos leitores e aumentar a idolatria em relação a determinados jogadores, que eram idealizados pelos torcedores como verdadeiros heróis. Como é o caso de

Pelé. Coelho (2011) cita um diálogo de Nelson Rodrigues e Armando Nogueira com Pelé,⁶ então em início de carreira, mas já apontando-se como o melhor jogador de todos. Os jornalistas costumavam contar a conversa com boa pitada de romance, enaltecendo o personagem em questão. Foram coisas assim que tornaram Pelé mais do que o maior jogador de futebol de todos os tempos. Transformaram-no em um eterno mito (COELHO, 2011, p.18).

Entretanto, embora tenha feito certo contraponto a Pena (2006), Coelho (2011) afirma que, embora o romance-reportagem fosse predominante no jornalismo esportivo nesse período, no jornalismo esportivo, há o espaço do romance e do fato. O autor destaca ainda os textos de Nelson Rodrigues, em que é visível a percepção da imprecisão dos fatos em detrimento da romantização.

É só olhar, por exemplo, a maneira como descreve o terceiro gol do Brasil no Mundial do Chile, em 1962: “Djalma Santos pôs a bola na área e Vavá, com seu peito de aço, meteu a cabeça nela, fazendo 3 x 1”. A descrição correta deveria incluir a falha do goleiro Schroiff. E contar que, de fato, Vavá meteu o pé direito na bola, não a cabeça (COELHO, 2011, p. 18).

Essa imprecisão, porém, diminui bastante a partir da década de 70, devido ao compromisso que a imprensa assumira de contar a verdade. A forma como o *Jornal da Tarde*⁷, em São Paulo, pensava e fazia jornalismo, teve grande contribuição para que acabasse com isso. Os textos passavam então a ser presos ao mero relato dos acontecimentos. O resultado dessa medida gerou, como consequência, textos mais secos, com crônicas desprovidas de paixão e sensibilidade, que acabaram por deixar no espaço comum atletas que fizeram por merecer ter seus nomes marcados na história.

Gente como Rivaldo, Ronaldo, Romário, Bebeto, Dunga. Gente que deu ao país o quarto e quinto títulos mundiais, e que jamais foi tratada com a reverência dedicada aos campeões de 1958, 1962 e 1970. [...] a maneira como os principais jornalistas

⁶ Nelson Rodrigues e Armando Nogueira costumavam contar uma história semelhante sobre um diálogo com Pelé em início de carreira. Na obra de Armando Nogueira, a história era assim:

- Quem é o melhor centroavante do Brasil?, Armando perguntou-lhe.

- Eu, Pelé respondeu.

- E o melhor meia-esquerda?, perguntou em seguida Armando Nogueira.

-Eu também.

Armando conclui o pensamento, que já virou clássico dizendo que não sabia se estava diante de um negrinho cheio de si ou de um eleito dos céus. E não demorou muito tempo para que a resposta lhe aparecesse diante dos olhos (COELHO, 2011, p.18).

⁷ O *Jornal da Tarde* foi um tradicional jornal diário da cidade de São Paulo, que circulou entre 4 de janeiro de 1966 e 31 de outubro de 2012. Na década de 1970, sua seção de esportes era considerada o melhor exemplo de cobertura esportiva da época. Por isso, era capaz de influenciar na maneira de produzir conteúdo jornalístico para o ramo, como afirma Coelho (2011).

esportivos de cada tempo se referem aos jogadores de cada época produz distorções difíceis de corrigir (COELHO, 2011, p. 19).

Coelho (2011) cita ainda a história de Ronaldo na campanha da Copa do Mundo de Futebol de 2002, em que o jogador passou por enorme período de dificuldade entre 1998 e 2002, sofrendo com lesões e problemas de saúde, que inclusive quase o deixaram de fora do torneio. Ronaldo foi o artilheiro daquele Mundial, com oito gols – estabelecendo, até então, novo recorde – além de ter conquistado o título de pentacampeão e o prêmio de melhor jogador brasileiro do campeonato. Uma história de superação repleta de drama, daqueles que, diante da tela, os espectadores pensariam de imediato: “Isso só acontece no cinema”.

Mereceu o apelido de “Fenômeno” e foi extremamente elogiado. Mas ninguém escreveu uma única crônica sobre a incrível proeza de Ronaldo. Toda a imprensa estampou os feitos do Fenômeno, em relatos repletos de...realidade! Realidade demais para história tão irreal. [...] faltou a dramaticidade que sobrava nas coberturas das campanhas de 1958, 1962 e 1970. Talvez tenha faltado Nelson Rodrigues (COELHO, 2011, p. 22).

Para Coelho (2011), a noção de realidade e transposição dos acontecimentos que o jornalismo esportivo traz atualmente faz com que a cobertura neste segmento seja tão correta e eficiente quanto qualquer outra realizada nos outros ramos do jornalismo. Porém, o que deve ser levado em consideração é que, em muitos casos, a cobertura esportiva exige mais do que a noção da realidade, pois esse tipo de cobertura sempre foi conhecido por misturar a realidade com emoção em proporção muitas vezes equivalentes. O autor defende ainda que os jornalistas esportivos busquem incorporar essa emoção nas crônicas, algo que parece ter se perdido na tentativa de deixar os textos cada vez mais fiéis à realidade.

A emoção também faz parte do jornalismo, como bem mostraram as crônicas de Nelson Rodrigues no passado. E alguém precisa fazê-la retornar ao cotidiano das páginas esportivas. Mesmo que alguns mitos da história do esporte brasileiro, como Dunga, Romário e Ronaldo, tenham ficado perdidos num tempo restrito à descrição nua e crua da realidade (COELHO, 2011, p. 24).

4. A METODOLOGIA DA BOLA

O método de pesquisa escolhido para analisar as reportagens da série “Futebol de Raiz - Um retrato do futebol de subúrbio de Fortaleza”, realizadas pelo jornalista Rafael Luis Azevedo, do site Verminosos por Futebol, foi a análise de conteúdo tendo como base um estudo de caso. De acordo com Lima (2008), o estudo de caso é um método de pesquisa empírica e, especialmente, qualitativa, por, segundo Angrosino (2009, p.8), analisar “experiências de indivíduos ou grupos” que podem “estar relacionadas a histórias bibliográficas ou práticas (cotidianas ou profissionais), e podem ser tratadas analisando-se conhecimento, relatos e histórias do dia a dia”. Antônio Carlos Gil (2009) ressalta ainda que esse tipo de pesquisa utiliza técnicas de coleta de dados, das quais se destacam neste trabalho a observação, a entrevista em profundidade e, sobretudo, análise documental.

A observação foi o método usado para examinar as reportagens, a fim de “descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação” (GIL, 2009, p.77). Dessa maneira, foi possível compreender as narrativas jornalísticas utilizadas, caracterizando-as quanto ao conceito de romance-reportagem em sua essência, abordando uma visão ampla das realidades retratadas.

Para a coleta de dados, o método escolhido foi a análise sistemática, pois, nele, é o próprio pesquisador o responsável por estabelecer qual será a forma de observação, organização e disposição dos dados coletados na pesquisa. Inicialmente, para um breve panorama da história da internet, do webjornalismo e da caracterização do jornalismo on-line, Canavilhas, Prado (2011) e Mielniczuk (2003) foram alguns dos autores consultados. Seguindo a ordem cronológica, a fim de mostrar os conceitos de convergência e impacto dos avanços tecnológicos nas rotinas dos jornalistas e também das narrativas jornalísticas, Henry Jenkins (2009) e Ferrari (2011) foram utilizados como autores centrais.

Passando para as narrativas jornalísticas na web, quanto à sua caracterização e linguagem, Bertocchi (2006), Mielniczuk (2004), Calvino (1988) e Seixas (2009) foram autores pesquisados.

Nesse contexto, foi possível partir de Felipe Pena (2006), como autor central, para definição e conceituação de jornalismo humanizado, que é uma ramificação do jornalismo literário e tem sua compreensão facilitada a partir da proposição da estrela de sete pontas, explicada pelo autor.

Já em relação ao romance-reportagem, Cosson (2001) deu suporte à análise, garantindo que este tipo de gênero textual é caracterizado pela capacidade de conseguir

relacionar a objetividade do jornalismo à subjetividade literária, determinando assim uma forma peculiar de narrar. Também foi possível estabelecer relação com o conceito de Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) no que diz respeito aos modelos de reportagem e suas características, para categorizar o estilo utilizado.

Especificando no campo do jornalismo esportivo, Paulo Vinícius Coelho (2011), Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006) conceituaram esse estilo de narrativa para que, então, pudesse ser realizada análise do objeto de pesquisa, a série “Futebol de Raiz – Um retrato do futebol de subúrbio de Fortaleza”.

Na análise, os autores citados terão seus conceitos relacionados às características observadas na série. Tal associação ocorreu por intermédio das pesquisas bibliográficas e de entrevista em profundidade realizada com o autor da reportagem, Rafael Luis Azevedo, além de observação do conteúdo produzido e descrição das matérias, que ocorreu também através de *prints* das reportagens.

5. VERMINOSOS POR FUTEBOL E A SÉRIE FUTEBOL DE RAIZ

Este capítulo apresenta o estudo de caso da série “Futebol de Raiz – Um retrato do futebol de subúrbio de Fortaleza”, do site Verminosos por Futebol. Os dados aqui apresentados foram obtidos a partir de observações do site e entrevista em profundidade com o criador e proprietário do site e da série, o jornalista Rafael Luis Azevedo. Depois de coletados, os dados foram relacionados à parte teórica dos autores escolhidos para que então pudesse ser feita a análise.

O estudo sobre os tipos de narrativas tratados em questão parte da premissa de que a série contempla reportagens com características do jornalismo humanizado, como já foi retratado no capítulo anterior, e que podem ser, mais especificamente, comparadas ao gênero narrativo romance-reportagem.

Neste capítulo, tomaremos como base autores como Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) para definir a série quanto às características e modelos de reportagens existentes na narrativa jornalística. Destacam-se as quatro principais características da reportagem, de acordo com Sodré e Ferrari (1986): impressividade do texto, humanização do relato, predominância da forma narrativa e objetividade dos fatos.

Antes, situaremos o site Verminosos por Futebol no meio digital, com suas características e peculiaridades, além de apresentar como o veículo explora as potencialidades oferecidas pela rede.

5.1. O que é o Verminosos?

Criado em 14 de agosto de 2012, o site Verminosos⁸ por Futebol surgiu a partir de um projeto do jornalista cearense Rafael Luis Azevedo⁹, de 33 anos. Inicialmente, a ideia de criar um ambiente na internet foi uma alternativa de fazer com que seu trabalho pudesse ser visto por pessoas de todo o mundo, e não somente na cidade de Fortaleza ou no Estado do Ceará, onde sempre trabalhou, com o propósito de abordar a cobertura de conteúdos e histórias curiosas do esporte, que geralmente são desconhecidas e não têm espaço nos veículos de massa

⁸ “Verminoso” é um termo cearense utilizado para designar alguém que é fanático ou viciado por algo.

⁹ Rafael é jornalista formado pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e é atualmente coordenador do portal Tribuna do Ceará (desde 2013). Antes, foi redator do O Povo Online (2003/04), repórter e editor do jornal O Povo (2004/12), produtor das TVs Jangadeiro/SBT (2005/06) e O Povo/Cultura (2007) e editor da TV Cidade/Record (2012/13). Já recebeu 16 prêmios de jornalismo, como Esso e Embratel, os mais importantes do país, e quatro vezes o da Associação Cearense de Imprensa. Cobriu duas Copas do Mundo in loco e foi coautor de livros oficiais sobre os 100 anos do Ceará SC (2014) e os 70 anos do estádio Presidente Vargas (2011).

da mídia tradicional. Prova disso é que, em seu acervo de reportagens, são contempladas histórias que grandes veículos de jornalismo não tinham conhecimento, mas foram difundidas a partir dele e tiveram grande repercussão. É a prova que o site é um canal capaz de garantir visibilidade para histórias curiosas que eram, até então, “invisíveis”.

Figura 3 – Home do site Verminosos por Futebol



Fonte: <<http://www.verminososporfutebol.com.br/>>

Por ter sido criado em um período em que o conceito de *mobile* era muito incipiente, a estruturação do site ocorreu de forma exclusiva para desktop. Mesmo assim, é possível acessá-lo em dispositivos móveis, como *smartphones* ou *tablets*, em que o mesmo formato que é visto em computador, é adaptado de acordo com a tela do aparelho. Devido às necessidades do consumidor e dos constantes avanços tecnológicos, estão previstas algumas mudanças quanto ao layout do site e sua acessibilidade, na qual uma versão exclusiva para *mobile* será criada em breve.

Desde quando foi ao ar até o dia 8 de maio de 2016, data em que foram coletados os dados apresentados, o site já publicou 1.050 posts, sendo, atualmente, a periodicidade de três publicações por semana. A audiência mensal é, em média, de 60 mil visualizações, somando um total de 1,8 milhão de visualizações. Fluxo gerado a partir de 1 milhão de usuários diferentes, espalhados em 193 países, sendo o Brasil correspondente a 89% deles. No total geral

de acessos por estados brasileiros, as maiores audiências são registradas em São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, respectivamente.

Segundo o próprio Rafael Luis Azevedo, a maioria das reportagens publicadas no Verminosos por Futebol segue características que contrariam a lógica de produção jornalística tradicional, baseada na técnica de pirâmide invertida. Nela, a notícia é organizada de forma que a informação mais importante fica no início e o menos relevante no final, de forma que o leitor apenas pode efetuar a leitura seguindo o roteiro definido pelo jornalista. Prado (2011) afirma que a técnica de pirâmide invertida na web não faz com que a navegação seja livre, como deve ser. Ou seja, o usuário não fica responsável por escolher a dinâmica de leitura. Em entrevista com Rafael Luis Azevedo, ele afirma que a técnica utilizada para a construção dos textos é exatamente oposta a esta.

E aí uma coisa que eu também acho que seja importante é construir um texto prazeroso que o leitor vai acompanhar até o final. E não fazer aquela pirâmide invertida, que a gente aprende na faculdade, que pelo menos eu aprendi, na década passada... Que tinha que trazer todas as informações prioritárias e mais importantes no começo, e aí ia diminuindo, diminuindo, diminuindo, até terminar sem pé nem cabeça, com uma informação que pode muito bem ser cortada. Que se for cortando de traz pra frente não vai ter nenhum peso, até ganhar um peso enorme quando vou chegando no começo. Acho que deve ser tudo igual. Inclusive, até guardo informações importantes pro final. Porque acho que o 'gran finale' faz parte, é extremamente necessário no texto jornalístico. Você tem que começar com uma coisa marcante, ir encadeando as histórias, de forma que termine com uma coisa marcante (RAFAEL LUIS AZEVEDO, 5 de maio de 2016).

Figura 4 - Exemplo de reportagem do site Verminosos por Futebol. Na ocasião, a reportagem “Mikey Wilson, o menino do dedo em riste”.

Mikey Wilson, o menino do dedo em riste

13

Rafael Luis Azevedo 12 fevereiro 2014 Deu a Louca



O Verminosos por Futebol localizou o holandês Mikey Wilson, hoje com 17 anos (Foto: Reuters)

Ele é, possivelmente, o animinho mais famoso do futebol mundial. Sua foto estampou gôsteras de torcidas em todo o planeta, inclusive de outras modalidades. Mikey Wilson era um garotinho quando fez o sinal acima com o dedo médio em riste. Hoje, passados 12 anos, o fi do Feyenoord é um adolescente orgulhoso de ter virado um ícone para torcedores apaixonados.



Nos anos seguintes, a ida de Mikey Wilson aos estádios sempre foi motivo para pedidos do sinal do dedo médio em riste (Foto: Arquivo pessoal)

O célebre registro aconteceu no dia 8 de maio de 2002, na final da Copa da Uefa, entre Feyenoord e Borussia Dortmund. Na ocasião, o estádio do time holandês se calou para homenagem póstuma a Wim Fortuyn, crítico do Islã. Exceto os alemães, em protesto. O desrespeito irritou a torcida de casa, que respondeu com a ofensa universal do dedo esticado.

Mikey, então com 5 anos, fez o mesmo inocentemente. Num lance de sorte, a lente do fotógrafo holandês Jasper Juihn, da agência Reuters, estava apontada justo para aquele canto de arquibancada. Com a vitória do Feyenoord por 3 a 2, o garotinho virou não apenas um símbolo de conquista. A foto rodou o mundo, como marca de paixão exagerada.

O Verminosos por Futebol localizou Mikey. Para a família do garoto, fanática pelo clube de Roterdã, ainda hoje impressiona que aquela breve segunda tenha entrado para a posteridade. “É legal saber que times de todo mundo usam essa foto, inclusive no Brasil, mas não gostaria de ver meu filho numa bandeira do Ajax”, comenta o pai, Ronald Wilson.

Fonte: < <http://www.verminososporfutebol.com.br/deu-a-louca/mikey-wilson-o-menino-do-dedo-em-riste/>>

Podemos ver então uma assimilação com a técnica proposta por João Canavilhas (2001), da pirâmide deitada, que, além de garantir ao leitor a liberdade de navegação, é responsável também por deixar os próprios jornalistas com mais autonomia para escrever.

Desta forma, o texto é disposto em blocos de informações igualmente relevantes, sem priorizar o início em detrimento do final. Rafael Luis Azevedo afirma que a técnica utilizada para a construção dos textos no site é exatamente esta.

Faço assim pelo menos 90%, em quase todos os meus textos. Quando estava um pouquinho antes do Verminosos já treinava isso, de tentar sempre construir uma coisa pensando no que eu ia contar no final. Na verdade é até engraçado, porque sei o que vou fazer no final, mas não sei o que vou fazer no começo ainda. Porque já sei como é que vou encerrar. Acho que encerrar é tão importante quanto começar. Porque o cara mostra que leu até o fim porque valeu a pena (RAFAEL LUIS AZEVEDO, 5 de maio de 2016).

O autor justifica a escolha dessa técnica textual por ser um motivo que vai acostumar o usuário a acompanhar sempre a leitura até o final, pois ele sabe que será contemplado com informações relevantes no desfecho. “Isso mostra que o cara se debruça naquilo ali” (AZEVEDO, 2016). Dessa maneira, inclusive, é maior a probabilidade que o usuário possa compartilhar aquele conteúdo, garante Azevedo (2016).

O site utiliza as mais diferentes potencialidades oferecidas pela rede, aplicando recursos como texto, imagens, áudio e vídeo nas reportagens.

Figura 5 - Exemplo de reportagem do Verminosos por Futebol que contempla vídeo, além de texto e foto.



Fortunato da Silva, de Saboeiro, não sabe o que é Copa do Mundo:

Morador de Serra da Estrela não sabe o que é Copa do Mundo

Francimar de Oliveira conheceu a energia elétrica numa de suas viagens a São Paulo, onde trabalhou em algumas temporadas na construção civil. Desde 2007, ele não arrendou mais o pé de Serra da Estrela, graças ao Bolsa Família. Com suas economias, o agricultor investiu numa tecnologia que a filha ouvira falar na escola. Por R\$ 2 mil, o cearense instalou duas placas de energia solar no telhado, em janeiro.

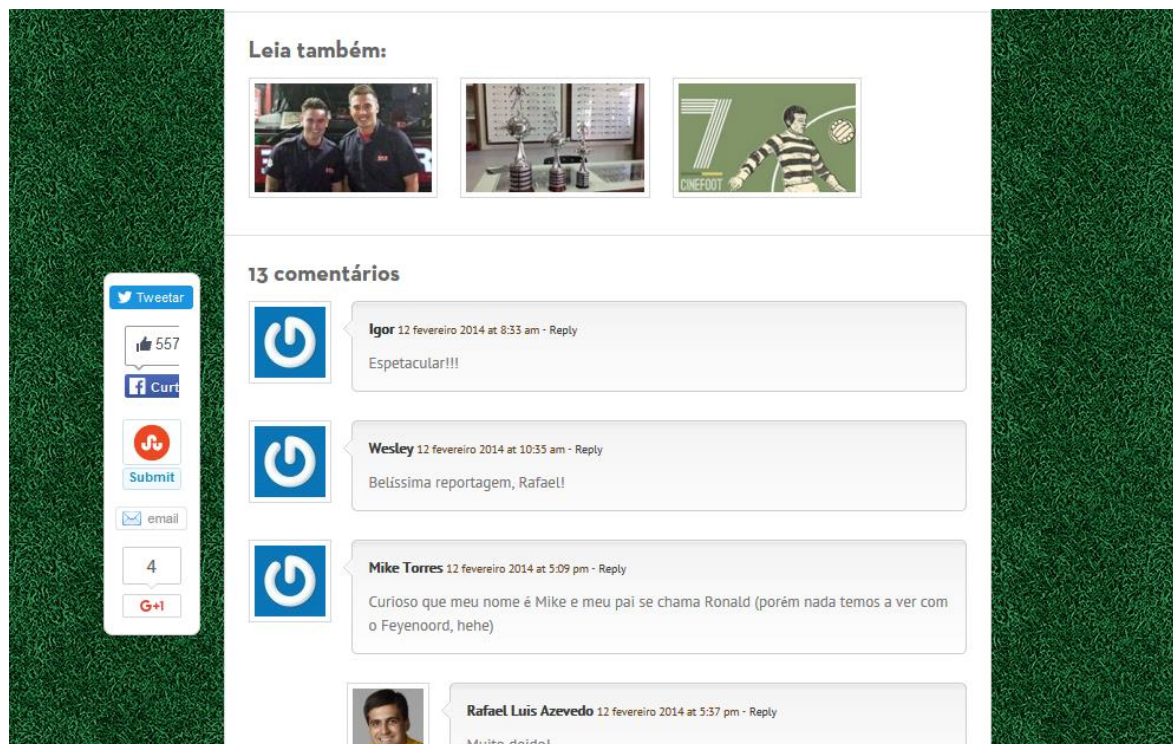
O sistema funciona na base do improviso. A energia passa por fios pela parede e alimenta uma bateria de caminhão. A carga acumulada liga a TV, que a família possuía em casa já havia dois anos, para o dia em que chegassem os postes por tanto tempo esperados. "A gente ainda não tem uma geladeira para realizar o sonho de beber água gelada, mas já dá pra ter um contato com o resto do mundo", festeja Francimar.

Fonte: < <http://www.verminososporfutebol.com.br/papo-serio/o-brasil-que-nao-vera-a-copa/> >

Além disso, abre espaço para interatividade com o leitor. Essa comunicação, segundo Suzana Barbosa (2002), é o principal elemento do ambiente online.

Seja através de e-mail à redação, sugerindo assuntos a serem abordados, de mensagem enviada diretamente ao redator da matéria, ou ainda através da opção "envie seus comentários sobre esta matéria", o leitor terá participação ativa, interferindo no conteúdo e opinando diretamente na produção da informação (BARBOSA, 2002).

Figura 6 - Leitor pode interagir tanto com comentários em tempo real como compartilhando o conteúdo nas redes sociais.



Fonte: < <http://www.verminososporfutebol.com.br/deu-a-louca/mikey-wilson-o-menino-do-dedo-em-riste/>>

Além da interatividade, o site explora também outras possibilidades fornecidas pela rede. A hipertextualidade, característica de natureza específica do jornalismo na internet, também é marca presente bastante utilizada. Barbosa (2002) afirma que, com os hiperlinks e hipertextos, o jornalista tem em mãos a possibilidade de oferecer ao leitor uma notícia mais completa, que pode ser contextualizada com outras informações, ou que pode até mesmo levar a outros temas relacionados ao assunto tratado.

Figura 7 - Exemplo de matéria que contém hiperlink e hipertexto.

VERMINOSOS POR FUTEBOL
www.verminososporfutebol.com.br

Você concorda com o resultado? Agora você também pode eleger a cerveja campeã, numa enquete do **Verminosos por Futebol**. Qual das 32 cervejas merece a taça?

Vote clicando neste link. O resultado será anunciado no dia 14 de dezembro.

Clique no link e leia também:

COLECIONADOR TEM 320 LATINHAS DE CLUBES
Futebol e cerveja são duas paixões. Paixões que fazem parceria afinada, vide a grande quantidade de cervejarias que já lançaram latinhas em homenagem a clubes

12 nov 2012 Deu a louca

www.verminososporfutebol.com.br/deu-a-louca/colecionador-tem-320-latinhas-de-clubes

• cerveja • Copa do Mundo • Copa do Mundo das Cervejas • destaque • Thiago Pulzatto

Fonte: <<http://www.verminososporfutebol.com.br/jogo-ludico/copa-do-mundo-das-cervejas-2014/>>

5.2. A busca pelo ‘lado b’ do esporte no Verminosos

Enquanto a maioria dos veículos de mídia tradicional insiste em coberturas factuais, de meros relatos dos acontecimentos esportivos, poucos são os que pretendem ir além e buscar conteúdos diferenciados. Fugir das amarras do *lead*, para procurar trazer ao jornalismo sua essência: contar boas histórias. Ou simplesmente procurar novas angulações dos assuntos retratados. A proposta do site Verminosos por Futebol é essa. É tentar ir além do “O que? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?”, como relata Rafael Luis Azevedo.

São aquelas histórias que não são prioridades na cobertura da mídia tradicional. Por exemplo, trazendo para a cobertura que a imprensa faz do futebol cearense. O esporte cearense, em geral, foca no futebol. O futebol foca no Ceará e no Fortaleza. O que seria o ‘lado B’ nesse ambiente de futebol cearense? Seria falar das histórias que têm no Ferroviário, no Tiradentes...as histórias curiosas de outros ambientes que não têm atenção da mídia. Ou mesmo inclusive dos próprios Ceará e Fortaleza, que lá dentro há histórias legais a serem contadas. Essa é a proposta do Verminosos. Mas faço além do futebol cearense. Faço também em outros estados e inclusive em outros países, encontrando histórias que, às vezes, um veículo lá em outro estado acabou não encontrando, e eu, aqui, distante, fico sabendo primeiro. Porque? Porque tenho o olhar

aberto e aguçado pra esse tipo de coisa (RAFAEL LUIS AZEVEDO, 5 de maio de 2016).

Podemos, então, relacionar essa proposta do site com o conceito de jornalismo humanizado segundo Felipe Pena (2006). Ao propor a definição da estrela de sete pontas, que já foi esmiuçada no capítulo anterior, o autor estabelece características que podemos relacionar diretamente ao que observamos no material produzido pelo site Verminosos por Futebol. Destacam-se, entre elas, duas pontas da estrela.

A segunda ponta da estrela recomenda ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano. Em outras palavras, quer dizer que o jornalista rompe com duas características básicas do Jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade. Ele não está mais enjaulado pelo deadline, a famosa hora do fechamento do jornal ou da revista, quando inevitavelmente deve entregar sua reportagem. E nem se preocupa com a novidade, ou seja, com o desejo do leitor em consumir os fatos que aconteceram no espaço de tempo mais imediato possível. Seu dever é ultrapassar esses limites e proporcionar uma visão ampla da realidade, que é a terceira característica sugerida (PENA, 2006, p.14).

Azevedo (2016), entretanto, faz o contraponto de que não caracterizaria o jornalismo feito no Verminosos como literário.

Eu acho que não chega a tanto não. Porque não tenho um texto muito floreado, com muita poesia, não. Acho que tenho um texto objetivo, porém, que vou pontuando coisas que acho que são importantes. Brinco com as palavras. Mas não sou poeta. Não faço texto literário de caderno cultural, não. Acho que tenho um texto de esporte trabalhado, digamos. [...] Eu conto histórias. Acho que, na verdade, quando você conta uma boa história, independente da forma como você vai contar, se é floreado, ou de forma objetiva, ou se vai guardar informação pro final... O texto vai ser bom (RAFAEL LUIS AZEVEDO, 5 de maio de 2016).

Logo, jornalismo humanizado seria, segundo Azevedo (2016), a definição que mais se encaixa no estilo do site. Especialmente pela busca de encontrar sempre bons personagens, que sejam “humanizados”, e possam, por si só, chamar atenção. “O bom personagem ele se impõe. Acho que o primordial do Verminosos é isso [...] o mais importante de tudo são as boas histórias” (AZEVEDO, 2016).

Há muitas maneiras de escrever uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens. Também são inúmeras as formas de apresentá-los, caracterizá-los ou fazer com que atuem. De qualquer modo, existe sempre um momento na narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 125).

Essa busca pela humanização do personagem é pensada com o intuito de oferecer ao leitor histórias específicas sobre determinado assunto, mas que possam ser atrativas para públicos que não sejam restritos àquele meio.

É, inclusive era uma coisa que eu já defendia antes de entrar no Verminosos: de contar histórias não só pro cara que é do público de esportes, do futebol. Porque tem muitas histórias de pessoas que são apaixonadas por alguma coisa. No caso, por futebol, que possa vir a interessar quem não é daquele meio. Porque, no final das contas, é história de gente. E história de gente pode interessar mesmo se o cara não acompanhar aquele tema. Ele pode se envolver. Por isso acho que tem que ter, pra despertar o interesse. Às vezes vejo comentários de pessoas que curtiram, e se engajaram, mas não são do meio do futebol, mas que se envolveram com aquela história, que vai além do esporte, digamos (RAFAEL LUIS AZEVEDO, 5 de maio de 2016)

Tendo como base esses conceitos, foi possível identificar tais características na série “Futebol de Raiz – Um retrato do futebol de subúrbio de Fortaleza”, como será exposto em seguida.

5.3. Futebol de raiz – um retrato do futebol de subúrbio de Fortaleza

Criada no dia 2 de junho de 2015, a série “Futebol de Raiz – Um retrato do futebol de subúrbio de Fortaleza” consiste em um *hotsite*¹⁰ hospedado dentro do site Verminosos por Futebol. Sua proposta, segundo o autor, Rafael Luis Azevedo, é de seguir a linha editorial do Verminosos, produzindo reportagens que contêm histórias interessantes do esporte, com novas angulações e abordagens diferenciadas, que fogem da factualidade, mas delimitando um tema específico: o futebol de subúrbio de Fortaleza. Atualmente, a capital cearense conta com 56 ligas de bairros, em um universo que contém mais de 2.000 times, formados por cerca de 50.000 jogadores.

¹⁰ O *hotsite* assemelha-se e tem muitas características comuns ao site, mas tem como definição básica ser uma página criada para um conteúdo específico, em uma nova estrutura, que tem maior apelo visual.

Figura 8 - Home do hot site Futebol de Raiz.



Fonte: <<http://verminososporfutebol.com.br/especiais/futebol-de-raiz/>>

Até o dia 8 de maio de 2016, data em que foram coletados os dados da pesquisa, a série contemplava três reportagens: “Ceguim – O técnico que tudo vê”; “Roberto – O homem dos mil gols” e “Meia-Noite – O racha dos garçons”. Esta pesquisa tem como objetivo analisar técnicas de reportagem e conteúdo destas publicações.

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) definem a reportagem como, basicamente, um dos gêneros jornalísticos, que é uma extensão da notícia.

Quando o jornal diário noticia um fato qualquer, como um atropelamento, já traz aí, em germe, uma narrativa. O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (quem, o quê, como, quando, onde, por quê) constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.14)

Nesse contexto, os autores afirmam ainda que o repórter é o responsável por servir de ponte entre o acontecimento e o leitor. É ele o responsável por construir a narrativa de forma que impressione e favoreça essa aproximação, sempre com precisão nos relatos dos acontecimentos. Diante disto, Sodré e Ferrari (1986) definem as quatro principais características de uma reportagem:

- a) Predominância da forma narrativa;
- b) Humanização do relato;
- c) Texto de natureza impressionista;
- d) Objetividade dos fatos narrados.

A partir de então, os autores classificam três modelos fundamentais de reportagem: A reportagem de fatos, a reportagem de ação e a reportagem documental.

A primeira delas é a reportagem de fatos, que nada mais é que o mero relato dos acontecimentos, com o máximo de objetividade possível, seguindo à risca a técnica de pirâmide invertida, na qual as informações são dispostas na narrativa de acordo com a importância. Ao repórter, cabe a missão de construir o relato de forma que a sua subjetividade não interfira. Com isso, ele não participa. Embora tenha a objetividade como marca principal, é possível, por vezes, encontrar, na reportagem de fatos, alguns exemplos em que esse distanciamento é encurtado.

A reportagem de ação consiste em um relato mais ou menos movimentado, em que o fato mais importante se encontra no início, e a narrativa vai se desenvolvendo aos poucos de acordo com a exposição dos detalhes. Nela, o repórter, muitas vezes, deixa de ser um mero observador para participar da ação e fazer parte da narrativa. “O importante, nessas reportagens, é o desenrolar dos acontecimentos de maneira enunciativa, próxima ao leitor, que fica envolvido com a visualização das cenas, como num filme” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.52).

O terceiro e último modelo de reportagem definido por Sodré e Ferrari (1986) é a reportagem documental. Ela apresenta elementos com objetividade, “acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.64). Como o nome já afirma, esse modelo é comum em documentários e, por aproximar-se da pesquisa, também adquire características de cunho pedagógico.

Na presente pesquisa, foi possível identificar que é este o tipo de reportagem que se encaixa a série “Futebol de Raiz – Um retrato do futebol de subúrbio de Fortaleza”.

Além disso, nas três reportagens analisadas, podemos perceber características do jornalismo humanizado, definido por Felipe Pena (2006) como uma ramificação do jornalismo literário, que já foi abordado anteriormente. O autor, inclusive, propõe o conceito do que ele chama de “estrela de sete pontas” para facilitar tal compreensão.

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2006, p. 13)

Podemos perceber que nas três reportagens analisadas da série há a presença de tais características. Outro aspecto que reforça essa análise é a maneira como ocorre o trabalho de apuração e produção, que, segundo Ijuim (2014), no jornalismo humanizado, deve ocorrer de forma que o ser humano seja tanto o ponto de partida como o de chegada.

No trabalho de apuração, busca versões verdadeiras e não, necessariamente, produz a verdade, pois o repórter não se relaciona com um objeto, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência. Na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas (IJUIM, 2014, p. 14).

Afora caracterização de jornalismo humanizado, também é possível inferir a utilização da web quanto a suas potencialidades, nas quais se destacam os quatro elementos fundamentais apontados por Luciana Mielniczuk (2001): interatividade, customização, hipertextualidade e multimídia. É perceptível que a série se faz valer dessas ferramentas nas reportagens. Há convergência entre tecnologias com a utilização de conteúdo não só textual, mas também audiovisual (vídeos e fotos). É importante destacar ainda que em todas as reportagens, o foco-narrativo é de narrador-observador. Ou seja, o narrador conta a história através de uma perspectiva externa, predominantemente em terceira pessoa, sem que ele participe dela.

5.3.1 – Ceguim – O técnico que tudo vê

A primeira reportagem da série chama-se “Ceguim – O técnico que tudo vê”. Ela conta a história de Flávio Aurélio Silva, 47 anos¹¹, que é o único técnico deficiente visual no futebol de subúrbio de Fortaleza – e, provavelmente, no mundo. A reportagem foi publicada no dia 2 de junho de 2015, e é dividida em nove parágrafos, que são blocos de informação que o leitor pode navegar entre eles, sem ter que, necessariamente, seguir uma sequência cronológica já definida pelo autor. Nos primeiros parágrafos, o autor identifica o personagem, de forma ampla e contextualizada, trazendo à tona os acontecimentos que levaram-no a ficar na atual situação.

Flávio teve um baque que mudou sua vida aos 20 anos. Membro fundador do Juventude Esporte Clube, time amador do bairro Bom Jardim, de Fortaleza, o volante perdeu a visão no olho direito após sofrer falta violenta num jogo em 1989, em

¹¹ Idade do personagem em 08 de maio de 2016, data que os dados da pesquisa foram coletados.

Caucaia, na Região Metropolitana. Um ano depois da pancada no rosto, a cegueira afetou o outro olho. Seu mundo caiu, mas o futebol tratou de reerguê-lo. Apaixonado pelo time, Flávio Aurélio Silva não se desligou do Juventude. Ele passou a ajudar a diretoria, como um espécie de faz-tudo. Marcava jogos, preparava os uniformes, motivava o elenco. Até que, em 2005, o treinador da equipe aposentou o boné. Quem seria o mais capaz de assumir o comando? O querido Ceguim, que assim iniciou sua curiosa história, talvez sem igual no Brasil (Verminosos por Futebol, Fortaleza, 02/06/2015).

Ao apresentar para os leitores a contextualização do personagem e relatar fatos que levaram-no a ficar cego, o autor exerce claramente a cidadania ao apresentar fatos que humanizam o personagem, fazendo com que haja maior aproximação do leitor. E rompe com as correntes burocráticas do lead, sem prender-se às questões básicas: “O que? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?”. Valendo-se, assim, de características citadas por Felipe Pena (2006) como jornalismo humanizado, na estrela de sete pontas.

[...] é preciso exercitar a cidadania. Um conceito tão gasto que parece esquecido. Tão mal utilizado por quem não tem qualquer compromisso com ele que caiu em descrédito. Mas você não pode ignorá-lo. É seu dever, seu compromisso com a sociedade. Quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade. Não, isso não é um clichê. Chama-se espírito público (PENA, 2006, p.14).

Na sequência cronológica do texto, observamos indicadores que caracterizam o tipo de narrativa utilizado como um romance-reportagem. Como afirma Cosson (2001), esse modo de narrar tem como peculiaridade a capacidade de conseguir relacionar a objetividade do jornalismo à subjetividade literária. Ao mesmo tempo em que o jornalista informa o leitor objetivamente, também traz uma visão abrangente da realidade retratada, inclusive com a presença e o relato de outros personagens, que enriquecem e garantem mais credibilidade à narrativa.

O cearense é o único técnico deficiente visual no futebol de subúrbio de Fortaleza. Comanda a equipe mais tradicional do bairro, com 30 anos de atuação. Nos 20 anos da liga da Granja Lisboa, que reúne participantes do Grande Bom Jardim, é o maior campeão, com cinco títulos. “Digo com orgulho que fui fundador, jogador e hoje, mesmo cego, sou treinador do meu time de coração”, gaba-se Flávio, de 46 anos. Sem a visão, o técnico se baseia na audição para orientar a equipe. Ele se posiciona na lateral de campo, do lado da defesa. Ouve o movimento da bola e dos jogadores, para tomar suas decisões. “Primeiro reforço a marcação, para depois me preocupar com o ataque”, explica o treinador, que não se envergonha em ouvir dicas de jogadores e torcedores. “Não tenho assistente, mas todos me ajudam”.

Essa perseverança empurra os jogadores. Mais do que treinador, Flávio serve de inspiração. “Todo mundo trabalha muito durante a semana. A gente vem aos jogos por causa dele”, registra o meia André Barbosa “Piaba”, servente de 35 anos. O centroavante do time, recém-chegado, até se emociona ao falar do comandante. “Ele

enxerga melhor do que muito treinador que consegue ver”, elogia o electricista Deone Lopes, de 33 anos, com os olhos marejados (Verminosos por Futebol, Fortaleza, 02/06/2015).

Ao trazer uma visão geral do personagem, percebe-se que o autor ainda atribui ao texto certa pitada de emoção e dramaticidade, que vão além do mero relato e, de certa forma, idealizam o personagem em questão. Eis aí mais uma característica do romance-reportagem, sobretudo em crônicas esportivas. Aspecto que é reforçado na sequência.

Quando algum dos jogadores sente a preguiça de deixar o descanso a troco de nada, basta lembrar a romaria de Ceguim até o Bom Jardim. Ele nasceu no bairro, mas hoje mora no Conjunto Curió, distante 20 km. Para chegar ao campo, pega três ônibus e passa por dois terminais, em 1h30min de viagem. Detalhe, sozinho. “Sou fã do Flávio”, exalta o almoxarife Francisco Moreira, de 50 anos, torcedor do time. Referência na rua Luminosa, sede do Juventude, a fama do técnico cego se espalhou pelo Grande Bom Jardim. “A história do Juventude se confunde com a história da liga da Granja Lisboa. E, em toda essa trajetória, Flávio sempre esteve presente, com seu jeito de ser cativante”, resgata José Lisboa, presidente da entidade. “É engraçado quando ele reclama dos lances mesmo sem estar vendo nada” (Verminosos por Futebol, Fortaleza, 02/06/2015).

Nos parágrafos finais, podemos notar a presença de informações importantes. Tão relevantes quanto as que estão presentes no início do texto. Identificamos, então, a presença da utilização da técnica de pirâmide deitada para a construção narrativa. Segundo João Canavilhas (2012), na web, esse modelo permite que os leitores sigam no texto até o limite das informações disponíveis, passando para outros níveis de informação.

Após duas décadas e meia de deficiência, o treinador até parece enxergar. Mesmo aposentado por invalidez, faz bico como vendedor de cintos de couro. Quinzena sim, quinzena não, pede licença ao Juventude para viajar o Brasil com seus produtos na mochila, em ônibus interestaduais. Em Belo Horizonte, casualmente ele conheceu sua esposa, com quem tem duas filhas. “Foi um choque de bengalas. Ela também é cega”, conta.

Flávio é um ídolo sobretudo para a esposa, a quem ensina diariamente que não há barreira intransponível. “Ele tem uma percepção espacial fantástica. Para deficientes, um técnico cego é uma lição”, impressiona-se Geovania Carreiro, de 40 anos. Natural quando se faz algo com paixão. “Faço tudo pelo Juventude. Daqui só saio morto”, avisa. A comunidade da Luminosa, orgulhosa do pentacampeão do Grande Bom Jardim, agradece tanta devoção. (Verminosos por Futebol, Fortaleza, 02/06/2015).

Podemos perceber, ainda, que o autor faz-se valer das potencialidades oferecidas pela web quanto a utilização de diversos recursos na publicação. A presença de vídeos e fotos demonstra isso.

Figuras 9 e 10 - Série conta com Galeria de Fotos



Fonte: <<http://verminososporfutebol.com.br/especiais/futebol-de-raiz/ceguim/>>

Figura 11 - Além de fotos, reportagem conta também com vídeo.



Fonte: <<http://verminososporfutebol.com.br/especiais/futebol-de-raiz/ceguim/>>

O vídeo, inclusive, tem uma peculiaridade notável, que acaba sendo a marca registrada em todos os vídeos da série. Sempre se inicia com o autor Rafael Luis Azevedo introduzindo a história, em um trecho em que ele faz no vídeo como *selfie*¹².

¹² Selfie é uma fotografia ou vídeo que uma pessoa tira de si mesma. Uma espécie de autorretrato.

Figura 12 - Autor Rafael Luis Azevedo sempre faz um breve resumo da reportagem no início do vídeo em formato *selfie*.



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=KxB98qt1-B0>>

O autor faz questão de destacar a importância dos elementos audiovisuais para a qualidade do material produzido, que servem como complemento o texto.

Poderia ter feito só uma coisa ou outra, mas queria demonstrar um produto bem feito em duas frentes. Uma coisa é fazer um texto legal. Outra é um vídeo. Tendo os dois mostra um ataque em duas frentes. E ao mesmo tempo mostrando que se saiu bem em duas coisas que são bem opostas. Às vezes quem faz vídeo bom não escreve bem, e quem escreve bem não faz vídeo bom. E mostra que atacamos bem em duas frentes (RAFAEL LUIS AZEVEDO, 5 de maio de 2016).

Observamos também a presença dos elementos propostos por Mielniczuk (2001) como potencialidades oferecidas pela internet e ao jornalismo desenvolvido para web: hipertextualidade, interatividade, multimídia e customização. “Tais possibilidades não se traduzem necessariamente em aspectos efetivamente explorados pelos sites jornalísticos, quer por razões técnicas, de conveniência, adequação à natureza do produto oferecido ou ainda por questões de aceitação de mercado” (MIELNICZUK, 2001, p.3). Assim sendo, destacam-se hipertextualidade e interatividade.

Figura 13 - Reportagem contempla links de compartilhamento e que levam para outros conteúdos relacionados ao tema.

VERMINOSOS POR FUTEBOL

HOME REPORTAGENS CONHEÇA O VERMINOSOS

Esporte Clube Juventude, time de Caxias do Sul-RS. Até mesmo o ano de fundação do clube gaúcho (1913) foi mantido, apesar de o Juventude fortalezense ter sido fundado sete décadas depois, em 1985.

Se gostou, ajude a divulgar nosso trabalho. Compartilhe!

Curtir Compartilhar Tweetar

Repercussão da reportagem

- Time do técnico cego ganha uniformes
- Técnico cego é homenageado por federação
- Quem repercutiu a matéria do técnico cego

Fonte: <<http://verminososporfutebol.com.br/especiais/futebol-de-raiz/ceguim/>>

Figura 14 - Reportagem conta com espaço para comentários, que promove interação entre leitores com o próprio autor.

VERMINOSOS POR FUTEBOL

HOME REPORTAGENS CONHEÇA O VERMINOSOS

8 comentários Classificar por Mais antigos

Adicionar um comentário...

Heitor Borges - Agente Local de Inovação em Sebrae Goiás
Acho que o futebol profissional deveria se aproximar mais do amador, talvez como na França e Inglaterra, Times profissionais, amadores e semi-amadores. Para mim é a única forma de manter os clubes atuando o ano inteiro. Vou falar aqui do DF porque é aonde eu conheço, existem apenas cerca de 20 times profissionais ativos, quando acaba o campeonato (que é deficitário), um deles vai para a série D e os demais fecham as portas e só abrem no ano seguinte, daí acontece a segunda divisão no segundo semestre (também deficitária), que conta justamente com os mesmos jogadores que jogaram a primeira divisão no primeiro semestre. Acho que a melhor solução, mesmo que pareça maluca, seria a seguinte: Juntar o futebol profissional e amador da região, teríamos o campeonato como acontece hoje no primeiro semestre (profissional), depois que terminasse o campeonato, aqueles times que não jogassem algum campeonato nacional, jogaria uma seletiva (1 ou 2 divisões) ou primeira fase (Semi Amadora), onde se definiria quais clubes jogariam a 1ª divisão do ano seguinte, caso clubes amadores estivessem entre os classificados, estes decidiriam se teriam condições de arcar com as despesas do futebol profissional ou não, caso decidissem disputar teriam que apresentar garantias, se não quiséssem disputar apenas renunciariam a vaga na 1ª divisão profissional e continuariam na 1ª divisão Semi-amadora. A partir daí os campeonatos seriam disputados como são hoje, divididos entre as cidades satélites, bairros e regiões.

Curtir Responder 4 3 de junho de 2015 01:27

Rafael Luis Azevedo - Fortaleza
Heitor, tem toda razão. Imagine: num universo de 2 mil times fortalezenses, um torneio único que definisse o melhor a cada ano descobriria equipes certamente melhores que as que disputam a 3ª ou quem sabe a 2ª divisão cearense. Não faz sentido, no país do futebol, essa separação entre profissional e amador. Deveriam esses dois mundos estar vinculados. E empresas públicas não deveriam concentrar investimentos em meia dúzia de clubes profissionais, mas sim em times que estão na base dessa cadeia. Um abraço!

Curtir Responder 2 5 de junho de 2015 01:29

Déborah Lima - Repórter em Editoria de Política do jornal O Povo
Parabéns, amigo Rafael Luis Azevedo! Muuito boa reportagem! Compartilhando em 3, 2, 1...

Fonte: <<http://verminososporfutebol.com.br/especiais/futebol-de-raiz/ceguim/>>

5.3.2 – Roberto – O homem dos mil gols

A segunda reportagem é denominada “Roberto – O homem dos mil gols”. Ela foi publicada no dia 3 de agosto de 2015. Portanto, dois meses após a reportagem anterior. Assim como em “Ceguim – O técnico que tudo vê”, essa matéria tem um personagem central em que a trama se desenvolve ao seu redor. Roberto Alencar Lima, 43 anos, é um sujeito humilde, que trabalha como repositor de frios. Mas, nas horas vagas, é peladeiro. E carrega um orgulho na vida: soma 1.283 gols. Mais do que Pelé, o maior jogador de futebol da história.

Assim como na primeira reportagem, o autor dedica-se nos primeiros parágrafos a identificar este personagem central, descrevendo-o em uma mistura de discurso direto com indireto. Desta vez, há ainda uma maior idealização do protagonista, especialmente quando este é comparado com ícones de grande destaque e relevância no cenário do futebol nacional e mundial. O romance-reportagem ganha aí mais força.

Ele é baixinho, marrento, tem faro de artilheiro e marcou mais de mil gols. Pode ser a definição de Romário, craque dos gramados e agora da política. Mas também de um peladeiro que bate ponto na Praia dos Diários, em Fortaleza. Conhecido por muitos pelo apelido, Roberto Alencar Lima carrega um orgulho para poucos: já marcou 1.283 gols. Um a mais do que Pelé!

A mania de anotar seus gols num caderninho começou em 1987, aos 14 anos, quando passou a frequentar a praia. Roberto casou, teve cinco filhos e, hoje com 42 anos, segue figurinha carimbada no racha. No sábado e no domingo, é ele quem leva a bola e as traves. “Só não jogo todo dia porque tenho de dar de comer aos meus filhos”, conta o repositor de frios de supermercado (Verminosos por Futebol, Fortaleza, 03/08/2015).

Além disso, com frases curtas e diretas na abertura, Rafael Luis Azevedo utiliza-se de características da reportagem documental, definidas por Sodré e Ferrari (1986).

A abertura destina-se basicamente a chamar a atenção do leitor e conquistá-lo para a leitura do texto. Costuma-se usar palavras concretas, frases curtas, incisivas e afirmativas, estilo direto. [...] A reportagem documental permite (e talvez exija) maior originalidade nas aberturas (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.67).

Ao longo da narrativa, o romance-reportagem fica evidenciado, pois os acontecimentos são relatados em uma mistura de narrativa jornalística com narrativa romanesca. Nele, o autor vai além de apenas informar, mas também contextualiza os fatos para o leitor, já que “usa adereços literários para aprofundar a abordagem sobre fatos reais” (PENA, 2006, p. 103).

Poucos são tão verminosos por bola quanto Roberto. Sua família já se acostumou aos exageros, e até ri deles. “Quando nosso primeiro filho nasceu, foi só a gente chegar em casa que ele se tacou para o futebol”, descreve a dona-de-casa Marinêz Bezerra da Silva, de 41 anos. Com o tempo, a esposa aprendeu a não marcar compromissos para as manhãs de fim de semana.

Claro, é hora de Roberto subir na bicicleta e pedalar quatro quilômetros de sua casa, no bairro Piedade, até a avenida Beira-Mar. “Serve como meu aquecimento”, relata. Nas areias, o sujeito humilde que mora numa quitinete que acomoda sete pessoas assume outra personalidade. Vira, no convívio dos amigos, o cara dos mil gols. “No meu nível só tem Romário”, chuta a modéstia para escanteio.

O apelido com o qual se tornou conhecido na Praia dos Diários se deve à mania de plantar-se próximo às traves. Culpa da barriguinha saliente, que afetou o fôlego. “Quando jovem, eu era magrinho e corria muito. Então engordei e comecei a ficar parado. Aí o pessoal frescava: ‘Macho, tu quer ser o Romário, é?’”, explica Roberto, com 96 kg mal distribuídos em 1,69 m (Verminosos por Futebol, Fortaleza, 03/08/2015).

É possível perceber, assim como na primeira reportagem, elementos peculiares da estrela de sete pontas, definida por Felipe Pena (2006), como a potencialização do jornalismo, já que analisamos uma observação atenta, com apuração rigorosa e abordagem ética. Há também a fuga dos “definidores primários”, pois o autor apresenta personagens diferentes, que trazem pontos de vista diversificados para a possibilidade de novas angulações.

Para reforçar a alcunha artilheira, a camisa é sempre a mesma. Uma réplica da época em que o Romário original marcou seu milésimo gol, em 2007. Surrada de tanta maresia ao longo dos anos, a blusa do Vasco ficou desbotada e cheia de buracos. “Se soltar essa camisa, ela vai sozinha para a praia”, diverte-se Roberto, torcedor também do Fortaleza e do São Paulo.

Seu único lamento foi não ter tido oportunidade para mostrar o talento num clube profissional. O cearense perdeu a mãe com um ano, e o pai aos 14. Criado pela avó, precisou trabalhar desde cedo. O conforto veio na praia, onde virou o rei da travinha, como é chamado no Ceará o futebol de traves reduzidas. “Romário é bom de bola, viu?”, assegura o vendedor Paulo Oliveira.

A maioria glória da “carreira” aconteceu no dia 16 de março de 2008. Como indica o caderninho guardado num armário fechado a cadeado, o gol de nº 1.000 foi assinalado às 11h37min de um domingo ensolarado. “O pessoal me carregou nos braços, e a gente deu a volta olímpica”, revive. O feito não ganhou manchetes. Mas foi, para Roberto, o momento mais feliz da vida (Verminosos por Futebol, Fortaleza, 03/08/2015).

Assim como todo o texto, podemos perceber que o desfecho também traz informações importantes, reforçando a tendência de não utilização da técnica de pirâmide invertida, e sim da pirâmide deitada. Não ocorre de o último parágrafo ser cortado sem que a reportagem perca sentido. Percebemos que a narrativa é separada em blocos de texto igualmente relevantes, e que o leitor pode navegar entre eles sendo contemplado com informações importantes, sem obrigatoriamente ter que seguir uma ordem pré-definida pelo jornalista. O autor justifica a escolha por ser um motivo que vai acostumar o usuário a acompanhar a leitura

até o final, pois ele sabe que será contemplado com informações relevantes até o desfecho. Dessa maneira, inclusive, é maior a probabilidade que o usuário possa compartilhar aquele conteúdo, garante Azevedo (2016).

Nesta reportagem, foi possível notar ausência de elementos hipertextuais. Não há *links* que levam para matérias relacionadas ao tema abordado ou capazes de proporcionar outros níveis de leitura ao usuário, caso este tenha interesse de se aprofundar no assunto. Entretanto, não é obrigatório que, por estar em uma plataforma na web, a reportagem traga esse elemento. “Tais possibilidades não se traduzem necessariamente em aspectos efetivamente explorados” (MIELNICZUK, 2001, p.3).

Há, porém, os botões de compartilhamento, em que o leitor pode “curtir” ou “compartilhar” a reportagem nas redes sociais. Além disso, há ainda o espaço livre para interação, que é a caixa de comentários.

Figura 15 - Reportagem não conta com hiperlinks, mas possui espaço para comentários, que proporciona interatividade.



Fonte: <<http://verminososporfutebol.com.br/especiais/futebol-de-raiz/mil-gols/>>

A reportagem também contempla elementos multimídia, típicos da web. De acordo com Luíndia (2014), a internet e suas plataformas são vistas como as principais responsáveis pela convergência midiática, que alia os meios tradicionais aos digitais.

Essa convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos e, também, a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento (LUÍNDIA, 2014, p.4).

Figuras 16, 17, 18 e 19 - Além de fotos, reportagem também conta com vídeo.





Fonte: <<http://verminososporfutebol.com.br/especiais/futebol-de-raiz/mil-gols/>>

5.3.3 – Meia-Noite – O racha dos garçons

“Meia-Noite – O racha¹³ dos garçons” é a terceira e última reportagem da série analisada nesta pesquisa. É também a menor delas. Publicada no dia 1º de outubro de 2015, a matéria fala sobre o bate-bola mais alternativo da cidade que ocorre semanalmente, nas madrugadas de domingo para segunda-feira, reunindo garçons após o expediente em restaurantes. A publicação é dividida em seis parágrafos, blocos de informação que o leitor pode navegar entre eles. Diferentemente das outras duas reportagens, esta não apresenta um personagem protagonista, em que a narrativa gira ao seu redor. São vários personagens secundários, em que o papel principal é exercido não por uma pessoa, mas por um evento: o racha. O autor Rafael Luis Azevedo explica o motivo da abordagem.

A proposta não é contar histórias somente de indivíduos, mas também de times, de rachas, de campeonatos diferentes... Chegou a hora de dar uma mudada no foco na 3ª matéria, e inclusive também farei na 4ª e na 5ª, em breve. Não há um impacto tão diferente na narrativa. De uma forma ou de outra, contei as histórias envolvidas, e não me resumi a uma fonte (RAFAEL LUIS AZEVEDO, 5 de maio de 2016).

Isso não fica evidenciado logo no início da reportagem, tendo em vista que o autor inicia focando um personagem, partindo do mesmo conceito de contextualização de forma abrangente utilizado nas reportagens anteriores.

¹³ Denominação dada a uma partida de futebol amador, pelada.

Meia-noite. Fim da linha para Francisco Nogueira, após quase nove horas no batente. Da pizzaria onde trabalha, em Fortaleza, até sua casa, em Horizonte, são 42 quilômetros. Percurso que ele voa na motoca. Quase sempre, a vontade é de cair na cama. Na madrugada de domingo para segunda-feira, não – é hora de jogar bola! Toda semana, ele bate ponto no Racha dos Garçons.

O bate-bola mais alternativo da cidade larga à 0h, e vai até as 3h30min, dependendo do fôlego da turma. Formam-se de quatro a cinco times de garçons, além de cozinheiros, pizzaiolos e caixas, de restaurantes, lanchonetes e bares. O palco é a praça em frente à Igreja de Fátima, que na reforma entregue este ano viu sua pista de skate dar lugar a uma quadra de futsal.

“A gente começou a jogar na Parquelândia há dois anos, e há quatro meses nos mudamos para o Bairro de Fátima”, demarca Francisco, de 31 anos, garçom há 10. Agora numa região central da capital, ficou mais fácil juntar os colegas. “Muitos moram distante, como é o meu caso, ou então trabalham longe da praça, mas aproveitam essa oportunidade para tirar o estresse” (Verminosos por Futebol, Fortaleza, 01/10/2015).

É possível perceber, porém, que a narrativa já começa a ser construída de forma que abre margem para a inserção de outros personagens, e que não seja presa a somente um ator central. É exatamente o que acontece no desenrolar da narrativa. A pluralidade de personagens traz, ainda, uma diversidade de gêneros, de forma que podemos verificar a presença de personagens femininas. O que desmistifica o pensamento de que trata-se de um ambiente exclusivamente masculino. Dessa forma, diagnosticamos aí o exercício da plena cidadania, definida por Pena (2006) como uma das pontas da estrela de sete pontas.

O racha reúne um clube do bolinha, mas também há mulheres por perto. Leda Carvalho, por exemplo, é presença cativa. Namorada do pizzaiolo José Raimundo da Silva, ela não gostou nada quando, certa vez, o viu chegando em casa às 4h. “Fiquei desconfiada”, admite a cozinheira, de 27 anos. Desde então, passou a acompanhá-lo. “A marcação é colada”, provoca um colega.

Numa dessas idas em casa para buscar a companheira, José esqueceu que seria ele o responsável por levar a bola. E lá ficaram os demais esperando pelo início do jogo. “Quando veio aparecer, já era 1h. A gente tava puto da vida”, relembra o garçom Joni Alves da Silva, de 28 anos. “Fazer o quê? Não posso mais deixar a mulher em casa”, justifica.

A disposição de suar num horário tão incomum impressiona os chefes. “Acho bonito o amor por futebol que leva alguém a jogar de madrugada”, elogia Elizangela Damasceno, gerente de pizzaria. Passado o racha, a mente relaxa, mas o corpo não desliga de imediato. “Só consigo dormir lá pra 5h”, relata Francisco. Enquanto o dia começa pra uns, pra eles termina (Verminosos por Futebol, Fortaleza, 01/10/2015).

A ausência de um personagem central traz ao texto um caráter menos individualista e mais abrangente, geral. Nem por isso perde, porém, o traço humanizado. É possível identificar outras características do estilo jornalismo humanizado, como uma variedade de recursos que são capazes de expressar a realidade sob perspectivas diferenciadas, tal qual afirma Edvaldo

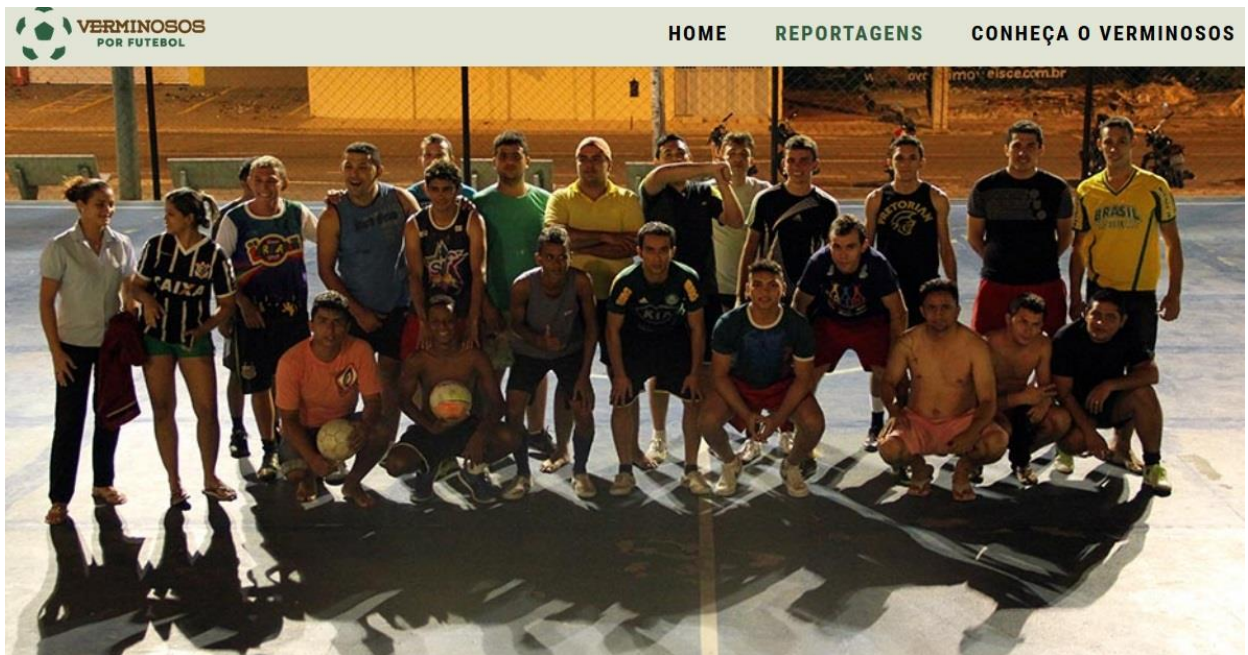
Pereira Lima (2005). Dessa maneira, o autor é capaz de enxergar os acontecimentos de maneira mais ampla e, conseqüentemente, com mais detalhes, e não apenas de forma superficial.

Embora haja diferenciação das outras reportagens na forma de conduzir a perspectiva da narrativa, o gênero romance-reportagem é novamente o utilizado. Neste caso, no entanto, de forma menos explícita. Mas, características marcantes, como a utilização literária para aprofundar a abordagem sobre os fatos, indo além de apenas informar, e também contextualizando os acontecimentos, é uma delas.

[...] quem faz romance-reportagem busca a representação direta do real por meio da contextualização e interpretação de determinados acontecimentos. Não há preocupação apenas em informar, mas também em explicar, orientar e opinar, sempre com base na realidade (PENA, 2006, p. 103)

Tal qual as outras duas reportagens anteriores, em “Meia-Noite – O racha dos garçons”, também estão presentes as potencialidades oferecidas pela web. Assim como em “Roberto – O homem dos mil gols”, não há, porém, hipertextualidade, em que o leitor pode aprofundar-se no assunto com outras leituras relacionadas àquele tema. Há, sim, multimídia e interatividade.

Figura 20, 21 e 22 - Além de galeria de fotos, também conta com vídeo.





Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=KfCG2k4qkaQ>>

Figura 23 - Espaço para comentários que promovem a interatividade também é marca da reportagem.



Fonte: <<http://verminososporfutebol.com.br/especiais/futebol-de-raiz/racha-dos-garcons/>>

5.3.4 – Deu no jornal

Este tópico tem como objetivo constatar que, além de produzir conteúdo exclusivo, a série “Futebol de Raiz – Um retrato do futebol de subúrbio de Fortaleza” serve ainda como fonte de pauta para outros meios de comunicação. As reportagens publicadas na série tiveram tamanha repercussão que acabaram sendo publicadas em veículos de comunicação de todo o mundo.

A reportagem “Ceguim – O técnico que tudo vê”, a primeira da série, foi a de maior destaque, por ter repercutido em veículos de comunicação do Brasil e do exterior. A história, até então inédita, acabou reproduzida por portais, jornais impressos e em programas radiofônicos e televisivos.

[...] essa matéria saiu em vários veículos, inclusive na TV Globo. Depois disso, três revistas estrangeiras de futebol entraram em contato pedindo pra reproduzir a matéria, ou que eu mandasse a versão traduzida, comprando esse conteúdo. Uma delas a Four Four Two, da Inglaterra, a maior revista de futebol do mundo. As outras foram a Kickoff, da África do Sul, e a So Foot, da França. São três revistas tradicionais (RAFAEL LUIS AZEVEDO, 5 de maio de 2016).

O sucesso foi tanto que, a partir de então, o jornalista Rafael Luis Azevedo passou a ter seu trabalho ainda mais reconhecido a nível nacional e também internacional.

E a partir da matéria do técnico cego, que fez tanto sucesso, eu me tornei correspondente da Four Four Two. Eles pediram outras matérias, ou que eu mandasse sugestões pra poder fazer matérias pra eles. Já fiz outras matérias, sobre outros temas. O Verminosos serviu pra que eu pudesse entrar na revista (RAFAEL LUIS AZEVEDO, 5 de maio de 2016).

Além disso, a TV France 2, uma das maiores emissoras da França, ficou tão interessada na história que realizou um documentário especial sobre o tema. Isso mostrou o poder de alcance do site Verminosos por Futebol em todo o planeta.

A France 2, que é a segunda maior TV da França, uma TV pública, gostou demais da história, entrou em contato perguntando se eu não podia acompanhar eles e fazer a produção. E eles fizeram um documentário, de 15 minutos...isso em televisão é muita coisa. Então a gente ficou quatro dias rodando em Fortaleza pra reunir esse material. Isso mostra que o Verminosos já tem uma leitura, de jeito do meio, que gosta de futebol, inclusive de fora do Brasil. Ficou muito claro isso (RAFAEL LUIS AZEVEDO, 5 de maio de 2016).

Figura 24 - A revista Four Four Two, da Inglaterra, republicou reportagem do Verminosos.



Figura 25 - Revista de futebol So Foot, da França, republicou reportagem do Verminosos



Figura 26 - Revista Kickoff, da África do Sul, republicou reportagem do Verminosos



Figura 27 - TV France 2 realizou documentário com o técnico cego



Figura 28 - TV Globo fez matéria com o técnico cego graças ao Verminosos



Figura 29 - Portal Globoespotte.com fez matéria com o técnico cego graças ao Verminosos



Figura 30 - Jornal Diário do Nordeste fez matéria com o técnico cego graças ao Verminosos



Figura 31 - Portal Tribuna do Ceará fez matéria com o técnico cego graças ao Verminosos



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a internet e os avanços tecnológicos, foram muitas as mudanças provocadas na rotina jornalística e na função do jornalista. Além disso, as formas de narrativa também passaram por alterações. Neste trabalho, foi possível analisar que, através de novas características específicas e suas diversas potencialidades, a *web* possibilita diferentes maneiras de configuração textual. Pode-se concluir também que, para se adaptar às exigências do mercado da informação na contemporaneidade, os processos de elaboração também passaram por alterações. É necessário que o jornalista rompa com os parâmetros tradicionais de produção, para que possa estar na constante busca de inovações, a fim de manter a essência do jornalismo: contar boas histórias. Foi possível aferir que essa é a premissa da série “Futebol de Raiz – Um retrato do futebol de subúrbio de Fortaleza”, do site Verminosos por Futebol, de autoria do jornalista Rafael Luis Azevedo.

Relacionando o referencial teórico selecionado com os dados coletados, pode-se concluir que, por estar em um ambiente digital, a série contempla as potencialidades oferecidas por este meio, das quais destacam-se multimídia, interatividade, hipertextualidade e customização, como afirmou Mielniczuk (2001). A presença de elementos interativos, fotos, vídeos, *hiperlinks* e espaço para comentários contemplam o conteúdo elaborado. Nas três reportagens analisadas foram identificadas tais características, salientando, porém, que não obrigatoriamente todas estão juntas nas mesmas publicações.

Na produção de conteúdo, foi constatado que o conceito de pirâmide invertida, tão utilizado nas criações jornalísticas tradicionais, cede espaço para uma nova forma de construção textual, baseado na pirâmide deitada, proposta por Canavilhas (2001). Nela, as informações são divididas em blocos de informação igualmente relevantes, sem que haja uma hierarquização cronológica. Dessa maneira, é possível indicar maior liberdade para o leitor, de forma que este possa navegar entre o texto, não ficando refém de uma ordem já determinada pelo autor.

A partir do estudo, pode-se ainda caracterizar a série quanto ao seu gênero textual. Foi possível constatar que a série possui traços marcantes de jornalismo humanizado, definido por Felipe Pena (2006) como uma ramificação do jornalismo literário. Ijuim (2014) reforça que nele são produzidas narrativas em que o ser humano é o ponto central da história, em que a humanização parte diretamente da consciência e subjetividade do jornalista. Isso fica bem evidenciado nas três reportagens analisadas.

Quanto ao conceito de narrativa, foi possível concluir que o romance-reportagem se encaixa no estilo utilizado na série, sendo este um tipo de narrativa que mescla a narrativa

jornalística com a narrativa romanesca. A intenção é buscar a representação direta dos acontecimentos de forma contextualizada, em que não há apenas a preocupação em informar, mas também de oferecer ao leitor uma maior conjuntura dos fatos. A constatação ocorreu através de observação e análise do conteúdo da série, em que foi possível diagnosticar nas reportagens características textuais desse estilo, como profundidade, análise e visão subjetiva e abrangente dos fatos relatados, utilizando adereços literários para realizar abordagens mais detalhadas.

Tal estilo tem ainda maior relevância se analisado no âmbito do jornalismo esportivo, que exige do profissional conhecimentos mais específicos desta área. É cada vez mais necessário que o jornalista ofereça um produto com qualidade, que seja diferenciado aos olhos do leitor, e não traga abordagens superficiais. A fuga do mero relato dos acontecimentos, proposta na série, é um caminho para tal diferenciação. O jornalista deve informar objetivamente, mas de forma contextualizada, ampla e abrangente. O que o leitor quer é qualidade no olhar e na narrativa.

A partir do estudo da série “Futebol de Raiz – Um retrato do futebol de subúrbio de Fortaleza”, do site Verminosos por Futebol, também foi possível perceber como os meios de comunicação vêm utilizando o site e a série para produção de conteúdo. De certa forma, foi possível notar que o objeto virou fonte de pauta para outros concorrentes. Essa constatação ocorreu através de observação e exposição da repercussão das reportagens publicadas na série em outros veículos jornalísticos, não só do Brasil, mas do mundo inteiro, assim como na apreciação dos comentários e da interação do público com as postagens.

O êxito da série levou o autor a continuar o trabalho. Novas reportagens serão produzidas seguindo os mesmos conceitos, de forma que as histórias do ‘lado B’ do esporte, do futebol de subúrbio de Fortaleza, continuem sendo expandidas para outras áreas do mundo, de tal maneira que possa continuar a servir como objeto de estudo para futuras pesquisas acadêmicas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTOCHI, D. **A narrativa jornalística no ciberespaço: transformações, conceitos e questões.** Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho, Braga. 2006. Disponível em: <<https://danielabertocchi.com/2007/02/17/dissertacao-de-mestrado-2006-a-narrativa-jornalistica-no-ciberespaco-transformacoes-conceitos-e-questoes>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

BARBEIRO, H; RANGEL, P. **Manual do Jornalismo Esportivo.** 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio.** 1ª ed. Companhia das letras, 1990.

COELHO, P. **Jornalismo Esportivo.** 4.ed. rev. e atual. - São Paulo: Editora Contexto, 2011.

COSSON, Rildo. **Romance-reportagem: o gênero.** Brasília. Ed. Da UnB. 2001

FRANCO, Guillermo. **Como escrever para a web: elementos para discussão e construção de manuais de redação online.** Disponível em <<https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/ebook/comoescrever-para-web-pt-br>>. Acesso em 25 mar. 2016.

CANAVILHAS, J. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>>. Acesso em 25 mar. 2016.

_____. **Do jornalismo on-line ao webjornalismo: formação para a mudança.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalismo-online-webjornalismo.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

_____. **Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

_____. **Jornalismo para dispositivos móveis: informação hipermultimidiática e personalizada.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalismo-paradispositivos-moveis.pdf>>. Acesso em 24 mar. 2016.

BARBOSA, S. **Convergência jornalística em curso: as iniciativas para integração de redações no Brasil.** In: RODRIGUES, C. (org.). **Jornalismo on-line: modos de fazer.** Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, Editora Sulina, 2009.

_____. **Bases de dados e webjornalismo: em busca de novos conceitos.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-suzana-bases-dados-webjornalismo.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

GIL, A. **Estudo de caso: fundamentação científica, subsídios para coleta e análise de dados e como redigir o relatório.** 1 Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

IJUIM, J. **Humanização e desumanização do jornalismo: algumas saídas.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/ijuim-jorge-2014-humanizacao-desumanizacao-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

IJUIM, J.; SARDINHA, A. C. Algumas meias verdades sobre a narrativa jornalística. **Comunicação & Sociedade**, Ano 30, n. 51, p.155-176, jan./jun. 2009.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JORGE, T.; PEREIRA, F.; ADGHIRNI, Z. Jornalismo na Internet: desafios e perspectivas no trinômio formação/universidade/mercado. In: RODRIGUES, C. (org.). **Jornalismo on-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, Editora Sulina, 2009. p. 75-96.

LIMA, E. **A importância da descrição**. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/pos-graduacao/memoria-portal-abjl/147-a-importancia-da-descricao>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

MARTINS, C. **Jornalismo Online: a convergência dos meios**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013-jornalismo-online-convergencia.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

MIELNICZUK, L. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web. In: PALACIOS, M.; MACHADO, E. (org.). **Modelos de jornalismo digital**. Salvador, 2003. p. 37-54. Disponível em: <<http://gjol.net/wp-content/uploads/2012/12/book-modelosjornalismo.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

_____. Características e Implicações do jornalismo na Web. In: **II SOPCOM – Sociedade Portuguesa da Comunicação**, 2001. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2016.

_____. **A Pirâmide Invertida na época do Webjornalismo: tema para debate**. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_mielniczuk_piramides_invertidas.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2015.

MOHERDAUI, L. **Guia de estilo Web**. 3ª ed. Ver e ampl. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet**. São Paulo: Sumus, 2003.

PEREIRA, F. **O jornalista on-line: um novo status profissional?** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-jornalista-on-line-novo-status.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2016.

PRADO, M. **Webjornalismo**. Reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

RESENDE, F. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

ROSMANINHO, A. O gênero jornalístico-literário. In: **IX Celacom - Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação**, 2005, São Bernardo do Campo. Caderno de Resumos. São Bernardo do Campo: Umesp, 2005.

VENTURA, M. **Hipertexto e webjornalismo:** implicações da textualidade digital no fazer jornalístico. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0438-1.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

LUÍNDIA, L. **Interseções dos suportes digitais – potencial estético, produção, acesso, circulação:** Ciberdocumentários em Manaus (AM – Brasil). Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/luindia-luiza-2014-intersecoes-suportes-digitais.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

SEIXAS, L. **O lugar da narrativa no hipertexto jornalístico:** uma análise do conceito de narrativa na webnotícia. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/seixas-lia-lugar-da-narrativa-no-hipertexto-jornalístico.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

SILVA, G. **Jornalismo Literário.** Brasília: Casa das Musas. 2005

SODRÉ, M.; FERRARI, M. **Técnica de reportagem.** Notas sobre a Narrativa Jornalística. 5ª edição. São Paulo: Summus, 1986.

PENA, F. **Jornalismo Literário.** São Paulo: Contexto. 2006.

ANEXOS

ANEXO A – Textos da reportagem “Ceguim – O técnico que tudo vê”

ANEXO B – Texto da reportagem “Roberto – O homem dos mil gols”

ANEXO C – Texto da reportagem “Meia-Noite – O racha dos garçons”

APÊNDICE – Entrevista realizada com Rafael Luis Azevedo, em 05/05/2016

ANEXO A

Ceguim – O técnico que tudo vê

Flávio teve um baque que mudou sua vida aos 20 anos. Membro fundador do Juventude Esporte Clube, time amador do bairro Bom Jardim, de Fortaleza, o volante perdeu a visão no olho direito após sofrer falta violenta num jogo em 1989, em Caucaia, na Região Metropolitana. Um ano depois da pancada no rosto, a cegueira afetou o outro olho. Seu mundo caiu, mas o futebol tratou de reerguê-lo.

Apaixonado pelo time, Flávio Aurélio Silva não se desligou do Juventude. Ele passou a ajudar a diretoria, como um espécie de faz-tudo. Marcava jogos, preparava os uniformes, motivava o elenco. Até que, em 2005, o treinador da equipe aposentou o boné. Quem seria o mais capaz de assumir o comando? O querido Ceguim, que assim iniciou sua curiosa história, talvez sem igual no Brasil.

O cearense é o único técnico deficiente visual no futebol de subúrbio de Fortaleza. Comanda a equipe mais tradicional do bairro, com 30 anos de atuação. Nos 20 anos da liga da Granja Lisboa, que reúne participantes do Grande Bom Jardim, é o maior campeão, com cinco títulos. “Digo com orgulho que fui fundador, jogador e hoje, mesmo cego, sou treinador do meu time de coração”, gaba-se Flávio, de 46 anos.

Sem a visão, o técnico se baseia na audição para orientar a equipe. Ele se posiciona na lateral de campo, do lado da defesa. Ouve o movimento da bola e dos jogadores, para tomar suas decisões. “Primeiro reforço a marcação, para depois me preocupar com o ataque”, explica o treinador, que não se envergonha em ouvir dicas de jogadores e torcedores. “Não tenho assistente, mas todos me ajudam”.

Essa perseverança empurra os jogadores. Mais do que treinador, Flávio serve de inspiração. “Todo mundo trabalha muito durante a semana. A gente vem aos jogos por causa dele”, registra o meia André Barbosa “Piaba”, servente de 35 anos. O centroavante do time, recém-chegado, até se emociona ao falar do comandante. “Ele enxerga melhor do que muito treinador que consegue ver”, elogia o eletricista Deone Lopes, de 33 anos, com os olhos marejados.

Quando algum dos jogadores sente a preguiça de deixar o descanso a troco de nada, basta lembrar a romaria de Ceguim até o Bom Jardim. Ele nasceu no bairro, mas hoje mora no Conjunto Curió, distante 20 km. Para chegar ao campo, pega três ônibus e passa por dois terminais, em 1h30min de viagem. Detalhe, sozinho. “Sou fã do Flávio”, exalta o almoxarife Francisco Moreira, de 50 anos, torcedor do time.

Referência na rua Luminosa, sede do Juventude, a fama do técnico cego se espalhou pelo Grande Bom Jardim. “A história do Juventude se confunde com a história da liga da Granja Lisboa. E, em toda essa trajetória, Flávio sempre esteve presente, com seu jeito de ser cativante”, resgata José Lisboa, presidente da entidade. “É engraçado quando ele reclama dos lances mesmo sem estar vendo nada”.

Após duas décadas e meia de deficiência, o treinador até parece enxergar. Mesmo aposentado por invalidez, faz bico como vendedor de cintos de couro. Quinzena sim, quinzena não, pede licença ao Juventude para viajar o Brasil com seus produtos na mochila, em ônibus interestaduais. Em Belo Horizonte, casualmente ele conheceu sua esposa, com quem tem duas filhas. “Foi um choque de bengalas. Ela também é cega”, conta.

Flávio é um ídolo sobretudo para a esposa, a quem ensina diariamente que não há barreira intransponível. “Ele tem uma percepção espacial fantástica. Para deficientes, um técnico cego é uma lição”, impressiona-se Geovania Carreiro, de 40 anos. Natural quando se faz algo com paixão. “Faço tudo pelo Juventude. Daqui só saio morto”, avisa. A comunidade da Luminosa, orgulhosa do pentacampeão do Grande Bom Jardim, agradece tanta devoção.

ANEXO B

Roberto – O homem dos mil gols

Ele é baixinho, marrento, tem faro de artilheiro e marcou mais de mil gols. Pode ser a definição de Romário, craque dos gramados e agora da política. Mas também de um peladeiro que bate ponto na Praia dos Diários, em Fortaleza. Conhecido por muitos pelo apelido, Roberto Alencar Lima carrega um orgulho para poucos: já marcou 1.283 gols. Um a mais do que Pelé!

A mania de anotar seus gols num caderninho começou em 1987, aos 14 anos, quando passou a frequentar a praia. Roberto casou, teve cinco filhos e, hoje com 42 anos, segue figurinha carimbada no racha. No sábado e no domingo, é ele quem leva a bola e as traves. “Só não jogo todo dia porque tenho de dar de comer aos meus filhos”, conta o repositor de frios de supermercado.

Poucos são tão verminosos por bola quanto Roberto. Sua família já se acostumou aos exageros, e até ri deles. “Quando nosso primeiro filho nasceu, foi só a gente chegar em casa que ele se tacou para o futebol”, descreve a dona-de-casa Marinêz Bezerra da Silva, de 41 anos. Com o tempo, a esposa aprendeu a não marcar compromissos para as manhãs de fim de semana.

Claro, é hora de Roberto subir na bicicleta e pedalar quatro quilômetros de sua casa, no bairro Piedade, até a avenida Beira-Mar. “Serve como meu aquecimento”, relata. Nas areias, o sujeito humilde que mora numa quitinete que acomoda sete pessoas assume outra personalidade. Vira, no convívio dos amigos, o cara dos mil gols. “No meu nível só tem Romário”, chuta a modéstia para escanteio.

O apelido com o qual se tornou conhecido na Praia dos Diários se deve à mania de plantar-se próximo às traves. Culpa da barriguinha saliente, que afetou o fôlego. “Quando jovem, eu era magrinho e corria muito. Então engordei e comecei a ficar parado. Aí o pessoal frescava: ‘Macho, tu quer ser o Romário, é?’”, explica Roberto, com 96 kg mal distribuídos em 1,69 m.

Para reforçar a alcunha artilheira, a camisa é sempre a mesma. Uma réplica da época em que o Romário original marcou seu milésimo gol, em 2007. Surrada de tanta maresia ao longo dos anos, a blusa do Vasco ficou desbotada e cheia de buracos. “Se soltar essa camisa, ela vai sozinha para a praia”, diverte-se Roberto, torcedor também do Fortaleza e do São Paulo.

Seu único lamento foi não ter tido oportunidade para mostrar o talento num clube profissional. O cearense perdeu a mãe com um ano, e o pai aos 14. Criado pela avó, precisou trabalhar desde cedo. O conforto veio na praia, onde virou o rei da travinha, como é chamado

no Ceará o futebol de traves reduzidas. “Romário é bom de bola, viu?”, assegura o vendedor Paulo Oliveira.

A maioria glória da “carreira” aconteceu no dia 16 de março de 2008. Como indica o caderninho guardado num armário fechado a cadeado, o gol de nº 1.000 foi assinalado às 11h37min de um domingo ensolarado. “O pessoal me carregou nos braços, e a gente deu a volta olímpica”, revive. O feito não ganhou manchetes. Mas foi, para Roberto, o momento mais feliz da vida.

ANEXO C

Meia-Noite – O racha dos garçons

Meia-noite. Fim da linha para Francisco Nogueira, após quase nove horas no batente. Da pizzaria onde trabalha, em Fortaleza, até sua casa, em Horizonte, são 42 quilômetros. Percurso que ele voa na motoca. Quase sempre, a vontade é de cair na cama. Na madrugada de domingo para segunda-feira, não – é hora de jogar bola! Toda semana, ele bate ponto no Racha dos Garçons.

O bate-bola mais alternativo da cidade larga à 0h, e vai até as 3h30min, dependendo do fôlego da turma. Formam-se de quatro a cinco times de garçons, além de cozinheiros, pizzaiolos e caixas, de restaurantes, lanchonetes e bares. O palco é a praça em frente à Igreja de Fátima, que na reforma entregue este ano viu sua pista de skate dar lugar a uma quadra de futsal.

“A gente começou a jogar na Parquelândia há dois anos, e há quatro meses nos mudamos para o Bairro de Fátima”, demarca Francisco, de 31 anos, garçom há 10. Agora numa região central da capital, ficou mais fácil juntar os colegas. “Muitos moram distante, como é o meu caso, ou então trabalham longe da praça, mas aproveitam essa oportunidade para tirar o estresse”.

O racha reúne um clube do bolinha, mas também há mulheres por perto. Leda Carvalho, por exemplo, é presença cativa. Namorada do pizzaiolo José Raimundo da Silva, ela não gostou nada quando, certa vez, o viu chegando em casa às 4h. “Fiquei desconfiada”, admite a cozinheira, de 27 anos. Desde então, passou a acompanhá-lo. “A marcação é colada”, provoca um colega.

Numa dessas idas em casa para buscar a companheira, José esqueceu que seria ele o responsável por levar a bola. E lá ficaram os demais esperando pelo início do jogo. “Quando veio aparecer, já era 1h. A gente tava puto da vida”, relembra o garçom Joni Alves da Silva, de 28 anos. “Fazer o quê? Não posso mais deixar a mulher em casa”, justifica.

A disposição de suar num horário tão incomum impressiona os chefes. “Acho bonito o amor por futebol que leva alguém a jogar de madrugada”, elogia Elizangela Damasceno, gerente de pizzaria. Passado o racha, a mente relaxa, mas o corpo não desliga de imediato. “Só consigo dormir lá pra 5h”, relata Francisco. Enquanto o dia começa pra uns, pra eles termina.

APÊNDICE

André Almeida: Quando, como e por que foi criado o site Verminosos por Futebol?

Rafael Luis Azevedo: O site foi criado em 2012, como um projeto de desvinculado de empresas. Até aquele momento eu sempre tinha trabalhado com redação, como jornalista, trabalhando para alguém. E eu achava que precisava criar um conteúdo que fosse do Rafael do veículo do Rafael. Junto com minha esposa, Larissa Cavalcante, que é publicitária e professora do curso de marketing e publicidade, a gente pensou em empreender e fazer um veículo que gere nome para o Rafael, que possa sair de Fortaleza, e ao mesmo tempo, quem sabe, ter um retorno financeiro. Pra ter um foco de cobertura, a ideia era fazer aquilo que eu sempre gostei de fazer em veículos tradicionais. A empresa quer trabalhar o macro, a informação de massa, e não a informação de nincho. A ideia era pegar esse conteúdo que eu sempre gostei de fazer e levar para o Verminosos. O foco era contar histórias curiosas, que geralmente não têm espaço na mídia tradicional, coisas do ‘lado B’ do futebol, e também coisas culturais.

AA: O que seria esse ‘lado B’ do futebol?

RL: Eu coloquei como memória e lado B do futebol. São aquelas histórias que não são prioridades na cobertura da mídia tradicional. Por exemplo, trazendo para a cobertura que a imprensa faz do futebol cearense. O esporte cearense, em geral, foca no futebol. O futebol foca no Ceará e no Fortaleza. O que seria o ‘lado B’ nesse ambiente de futebol cearense? Seria falar das histórias que têm no Ferroviário, no Tiradentes...as histórias curiosas de outros ambientes que não têm atenção da mídia. Ou mesmo inclusive dos próprios Ceará e Fortaleza, que lá dentro há histórias legais a serem contadas. Essa é a proposta do Verminosos. Mas faço além do futebol cearense. Faço também em outros estados e inclusive em outros países, encontrando histórias que, às vezes, um veículo lá em outro estado acabou não encontrando, e eu aqui, distante, fico sabendo primeiro. Porque? Porque tenho o olhar aberto e aguçado pra esse tipo de coisa. É comum, por exemplo, lá no Paraná não ficarem sabendo de uma história, e sair no Verminosos primeiro. Porque hoje os leitores já perceberam o conteúdo, e quando o leitor fica sabendo de algo bem legal, diferente, ele próprio avisa. E eventualmente essa história até saiu em outro estado, mas não nacionalmente, e o Verminosos acaba sendo uma ponte para que ela fique conhecida além daquele estado.

AA: O projeto já foi pensado para ter um retorno lucrativo?

RL: Sim. O primeiro passo era para fazer o meu nome. Naquele momento, eu estava saindo do Jornal O POVO, e indo ser editor e produtor em um programa esportivo de TV. Então eu já iria ter uma perda de divulgação, de espaço do meu trabalho. O site meio que vinha para contemplar o meu interesse de continuar escrevendo e produzindo, já que vinha muita ideia na minha cabeça e eu não tinha noção para onde iria. Então a primeira intenção era de fazer meu nome. Mas já tinha planos que ele tivesse uma rentabilidade financeira, até para se manter. Inicialmente pra reverter o investimento que eu fiz, na produção do site, na questão da hospedagem, na manutenção...e aí posteriormente pra ter lucro. Pra fazer com que meu trabalho fosse justificado, e não simplesmente por hobby, mas como um segundo emprego. E hoje ele, de fato, se tornou já um segundo emprego. Eu faço um conteúdo que valoriza cada vez mais o meu nome, algo que os estudantes deveriam, cada vez mais, pensar nisso como uma alternativa. Sei lá, manter um pé num veículo tradicional e também num produto seu próprio. Ou quem sabe os dois pés no seu produto. Hoje, felizmente, o site já chegou nesse ponto.

AA: Esse então é seu projeto paralelo em jornalismo?

RL: Exatamente. Na verdade, eu fiquei um ano na TV e eu percebi que havia conflito. Eu não podia trabalhar com esporte mais, se eu queria investir meu tempo nesse projeto, que é um projeto de futebol. Ia ficar difícil dizer “ah, por que você colocou essa matéria aqui e não colocou ali?”. Pra eu não receber esse tipo de pressão, eu sai definitivamente da cobertura de esportes, que eu sempre gostei, sempre trabalhei, e passei a ser editor de Cidades, deixando bem claro quando tivesse uma coisa de esportes, de futebol, eu teria o direito de escolher onde eu iria colocar. E eu iria fazer no Verminosos. Se eu acho que é besta, eu mesmo não faço, e posso oferecer pra quem quer que seja. Mas pra deixar bem claro essa separação. E aí acabo sendo dois “Rafael”. Eu tenho um horário em uma empresa, que eu esqueço o Verminosos, e tem uma hora que eu estou no site, só cuidando dele.

AA: Quando foi criado, o site foi pensado só para desktop ou também para mobile?

RL: Na época, em 2012, o mobile ainda era muito incipiente. E aí acaba que os sites, o que faziam para desktop, era o mesmo para mobile. Hoje, inclusive, ele já está feio até para desktop. Está nos planos, para esse ano ainda, eu fazer um redesenho dele e, posteriormente, ele ser responsivo, se adaptar aos tamanhos das telas menores. Hoje ele tem a versão mobile, mas é a mesma versão do desktop, que precisa fazer o zoom com o dedo, que não é indicado

para o mobile. A ideia é fazer em breve uma versão nova para desktop, que tá ultrapassado, e ter uma versão para mobile.

AA: Como é a constante busca de estar sempre renovando o material fugindo do factual, buscando histórias diferentes? Qual o principal desafio?

RL: O principal desafio hoje é que esse tipo de cobertura, Engraçado, em 2012, era fácil eu conseguir encontrar uma história nova que ninguém publicou ainda. Porque eu tenho o seguinte critério: eu não publico nada que já tenha saído em outro veículo. Lógico que eu quebro algumas vezes essa regra, mas, em geral, eu não faço isso. Então eu tenho que contar uma história que ninguém contou ainda. Eu prefiro contar uma coisa que, digamos, tenha menos audiência, que seja até menos interessante, mas que seja nova, do que contar uma coisa que talvez vá gerar mais audiência, mais interesse, mas que alguém já deu antes. Porque eu tenho que deixar claro que a minha marca ela se difere por encontrar histórias, por encontrar coisas diferentes. E ai de 2012 pra cá, cada vez mais os veículos de online estão se interessando por esse tipo de conteúdo, porque perceberam o que eu percebi um pouquinho antes de 2012, antes de lançar o site, que no online funciona muito mais essa cobertura que vai pro curioso, que vai pra história, do que o factual. Ele pode se resumir muito bem em mostrar o resultado de um jogo, mostrar o minuto a minuto, mostrar vídeos, e não simplesmente ficar fazendo matéria de como foi o jogo, relatando a cada lance. Que é coisa que eu não faço. Eu não faço nada de jogo nem de treino, entendeu? Então hoje os sites já perceberam que esse tipo de conteúdo dá audiência. E ai eu passei a ter uma concorrência grande. Só pra entender...não é que eu esteja querendo dizer que o Globoesporte.com é concorrente do Verminosos, ou o Verminosos é concorrente do Globoesporte.com, mas ele se tornou em um veículo que hoje está presente no Brasil todo. Então se ocorre uma história interessante em Londrina, por exemplo, tem o Globoesporte.com do Paraná em Londrina. Nas cidades daquele Estado. E ai o repórter de lá vai ficar sabendo primeiro. E ai complica na minha política de não fazer algo que já saiu em outro veículo. A não ser que eu dê uma cara diferente. Tem o Trivela, que também é um outro site que costuma dar muito rápido as coisas. Então eu tenho que tentar ir além. Por exemplo, se o Trivela publica que foi lançada uma chamada diferenciada, por exemplo, para um campeonato, como o Campeonato Goiano, e essa chamada é inspirada num videogame do anos 90, eles fazem dois parágrafos e soltam bem rápido. Até porque eles têm repórteres 24 horas, coisas que o Verminosos não tem. Eles fazem dois parágrafos e soltam o vídeo. E eu só vou publicar dois ou três dias depois. Então eu tenho que trazer uma entrevista com o cara que fez

o vídeo, com ele dizendo que jogou esse videogame a vida toda dele, e continua jogando, e levou uma semana pra fazer aquele VT...enfim, trazer os bastidores daquela produção. Ai assim eu acho que eu vou conseguir além e, através dessa entrevista, trazer algo de novo, de diferente.

AA: Uma característica que eu notei é que o Verminosos não adota uma característica peculiar de outros sites da web: textos curtos, rápidos e objetivos. A aposta do Verminosos é justamente no oposto, em conteúdos aprofundados?

RL: Eu não diria que eu faço conteúdos totalmente aprofundados. Eu não faço reportagens com muitos parágrafos, mas em um tamanho médio de texto que, de fato, ele é maior que o online convencional de esportes.

AA: Por exemplo, como essa do Trivela você não faria...?

RL: Não. Eu nunca faço matérias com dois parágrafos. Pelo menos, se for algo que eu não consegui tirar nada, são uns quatro. É o mínimo. Em geral consigo fazer uns oito ou nove...e isso acaba sendo muito se comparado ao texto de esporte de um veículo convencional. E ai uma coisa que eu também acho que seja importante é construir um texto prazeroso que o leitor vai acompanhar até o final. E não fazer aquela pirâmide invertida, que a gente aprende na faculdade, que pelo menos eu aprendi, na década passada...que eu tinha que trazer todas as informações prioritárias e mais importantes no começo, e ai eu ia diminuindo, diminuindo, diminuindo, até terminar sem pé nem cabeça, com uma informação que pode muito bem ser cortada. Que se eu for cortando de traz pra frente não vai ter nenhum peso, até ganhar um peso enorme quando eu vou chegando no começo. Eu acho que deve ser tudo igual. Inclusive, eu até guardo informações importantes pro final. Porque eu acho que o gran finale ele faz parte, ele é extremamente necessário no texto jornalístico. Você tem que começar com uma coisa marcante, ir encadeando as histórias, de forma que termine com uma coisa marcante. Porque o cara que vai até o final, ele vai se acostumar a ir até o final outras vezes no Verminosos. Porque ele vê que tem importância em uma coisa contada ali no fim. E ele vai dizer “porra, que massa, terminou massa esse texto aqui”. E ai, se ele passar a ler outras vezes, e for até o final, e perceber que sempre tem coisas assim, ele sempre vai ficar lá até o final. E no final das contas, na internet, é importante que o leitor fique até o fim. Porque ele vai ficar mais tempo lá, e o Google, a publicidade em online, conta quanto tempo o leitor fica na página. E se eu faço ele ficar até o final, o Google vai perceber, e quando eu for vender a publicidade, ele vai indicar isso ai. Ele vai ver que as pessoas não ficam só 20 segundos, ou 30 segundos, pra ler só o abre, a foto e o

lead. Mas sim o cara ficou um minuto. Pode parecer pouco, mas na internet, ficar um minuto...na verdade eles ficam mais, a média é um minuto e trinta segundos, em uma única página. Isso mostra que o cara se debruça naquilo ali.

AA: Então todos os textos são feitos por meio da técnica da pirâmide deitada?

RL: Olha, eu faço assim pelo menos 90 %, ou quase todos os meus textos. Quando eu tava um pouquinho antes do Verminosos eu já treinava isso, de tentar sempre construir uma coisa pensando no que eu ia contar no final. Na verdade é até engraçado, porque eu sei o eu vou fazer no final, mas não sei o que eu vou fazer no começo ainda. Porque eu já sei como é que eu vou encerrar. Porque eu acho que encerrar é tão importante quanto começar. Porque o cara mostra que leu até o fim porque valeu a pena. Ele pensa “porra, valeu a pena eu ficar nesse negócio aqui”. E inclusive é esse o ponto que eu pretendo, num redesenho, colocar botões de compartilhamento. Porque o cara, lá no final, ele tem uma tendência a compartilhar. Se ele foi até o final é porque ele gostou. E se ele gostou, ele tem uma tendência maior a compartilhar do que o cara lá do começo, que só viu o título. Pelo menos no meu caso. Por que às vezes, no factual, o título é muito marcante, e as pessoas compartilham só por causa do título. Mas eu preciso colocar um botão no final porque, se o cara chegou até o fim, é porque ele realmente gostou.

AA: Você caracterizaria o jornalismo feito no Verminosos como literário?

RL: Eu acho que não chega a tanto não. Porque eu não tenho um texto muito floreado, com muita poesia não. Eu acho que eu tenho um texto objetivo, porém, que eu vou pontuando coisas que eu acho que são importantes. Por exemplo, eu gosto de brincar com os verbos, de nunca repetir verbo...é uma coisa que inclusive eu aprendi no Jornal O POVO, com o Demetri Túlio, que é, em aspas, nunca botar o mesmo verbo...é brincar com as palavras. Eu brinco com as palavras. Mas eu não sou poeta. Não faço texto literário de caderno cultural, não. Acho que tenho um texto de esporte trabalhado, digamos.

AA: Então você denominaria esse texto como?

RL: Eu conto histórias. Eu acho que, na verdade, quando você conta uma boa história, independente da forma como você vai contar, se é floreado, ou de forma objetiva, ou se vai guardar informação pro final...o texto vai ser bom. Na verdade, às vezes, pra uma pauta ser boa, ela (pauta) é mais importante que tudo isso. Do que ter um texto bom...se você encontrar um

bom personagem...porque o bom personagem ele se impõe. Eu acho que o primordial do Verminosos é isso. Eu tenho hoje uma listinha de umas 100 pautas, mas que eu nunca vou conseguir fazer...na verdade eu vou só incluindo coisas novas...que eu vou percebendo, descobrindo, ou imaginando que eu tenho que ir atrás. Mas eu sou só um. E hoje com cada vez menos tempo pro Verminosos, por causa de uma série de diversas outras questões do meu outro “Rafael”, da minha outra situação de trabalho. Então eu acho que o mais importante de tudo são as boas histórias. Se eu encontro, por exemplo, uma história como a do técnico cego, eh...se fizer um texto bom, e eu construir ele de forma legal, ótimo, essa história vai ficar massa. Mas é um personagem tão incrível que mesmo se eu fizer um texto simples, a pessoa vai dizer “caralho, meu irmão, um técnico cego...eu tenho que ver isso!”. Então ele vai se envolver de certa forma. Então eu não vou descrever como texto literário...eu acho que são textos que eu conto histórias. Só procuro contar essas histórias com o mínimo de cuidado, de nunca errar informação, pra ter que refazer. Mesmo que o online permita essa opção, de depois você mexer, mas eu não quero deixar essa impressão pra ninguém. Então eu reviso várias vezes, não tenho pressa...tanto que eu nunca escrevo uma coisa e publico de imediato. E sempre trabalho com a questão de agendar. Eu sei, no exato momento, que eu tenho cinco matérias garantidas. Feitas, já editadas, prontas e preparadas pra sair no dia tal. E nas redes sociais eu também trabalho com agendamento. No dia anterior eu vou usando os programas de agendamento e as matérias vão entrando, e as pessoas acham que eu tenho um analista de mídias sociais, que fica ali direto...mas eu não interajo. Só interajo uma vez por dia, quando eu entro, aí vejo os comentários, comento alguma coisa, curto e tal...não tenho o analista que fica direto. Sou eu que faço as coisas que vão entrar ao longo do dia.

AA: Não sei se é uma coisa pensada, ou meio que sem querer, mas as matérias têm muitas características de jornalismo humanizado...você caracterizaria o site assim?

RL: É, inclusive era uma coisa que eu já defendia antes de entrar no Verminosos: de contar histórias não só pro cara que é do público de esportes, do futebol. Porque tem muitas histórias de pessoas que são apaixonadas por alguma coisa. No caso, por futebol, que possa vir a interessar quem não é daquele meio. Porque, no final das contas, é história de gente. E história de gente pode interessar mesmo se o cara não acompanhar aquele tema. Ele pode se envolver. Por isso eu acho que tem que ter, pra despertar o interesse. Às vezes vejo comentários de pessoas que curtiram, e se engajaram, mas não são do meio do futebol, mas que se envolveram com aquela história, que vai além do esporte, digamos.

AA: Qual a necessidade de pensar conteúdos multimídia?

RL: Eu acho que o Verminosos ainda não é tão multimídia. Na verdade ele é até pouco multimídia. É bem mais texto e foto. E vídeo quando eu consigo. Porque a minha produção ainda é muito precária nessa condição. Sou uma pessoa só...e principalmente por ter matérias sobre coisas que são de outros estados, de difícil acesso pra mim. Seria mais multimídia se eu tivesse como viajar, me encontrar com determinada pessoa, de ir fazer um vídeo que eu possa vir a utilizar. Como a maior parte das entrevistas são por escrito, ou por Skype, ou por telefone, com pessoas que estão em outros locais, eu acabo fazendo quando eu tenho condições de fazer aqui em Fortaleza. E aí é que veio a proposta da série Futebol de Raiz. Como seria uma coisa mais trabalhada, que não teria uma periodicidade tão curta, daria tempo fazer um vídeo com qualidade. Então a proposta é contar essa história em texto e a mesma história em vídeo, de forma que ele seja independente. A pessoa poderia ver só o vídeo que ela seria contemplada e iria entender aquela história. E não sendo um vídeo que iria acompanhar uma matéria. Quando, eventualmente, tem alguma coisa aqui em Fortaleza, eu vou lá e faço o vídeo, pra poder não entregar só o texto e foto do tradicional. Mas acho que, como eu não sou treinado, não sei tanto fazer coisa de vídeo, eu faço o simples. Não faço tão bem quanto outros fazem. Então eu tenho que focar naquilo que eu sou bom, no que eu posso de repente mostrar um bom trabalho e fazer o Verminosos chamar atenção, que é no texto. Então de fato eu foco naquilo que dá pra chamar atenção, ao invés de perder tempo com um vídeo que não vai ficar tão bom, ou num nível que os outros fazem. Então acabo focando na história do texto e da foto.

AA: Então qual o desafio de fazer com que esse conteúdo não fique redundante?

RL: Você poderia dizer que a série Futebol de Raiz é redundante, porque a mesma história que está sendo contada em texto, está sendo contada em vídeo. Mas é essa a intenção. É de dar a opção. A pessoa pode simplesmente ver só no vídeo ou só no texto. Ela pode escolher. Ou então uma coisa pode levar à outra. Porque um vídeo feito lá no YouTube, ele gera tráfego para dentro do site. Ao mesmo tempo que o cara que tá no texto, se ele ficou aquele um minuto e meio lendo, e ele vê o vídeo, ele ainda vai ficar mais um minuto, ou dois minutos vendo o vídeo. Então faz o cara ficar mais tempo. E serve inclusive pra poder mostrar, no caso específico dessa série, o profissionalismo. Que além do texto e das fotos, tem um vídeo. E não é um vídeo qualquer. É um vídeo que, de fato, conta a história.

AA: Mas na série Futebol de Raiz, você acha que eles são complementares?

RL: Na verdade eles se reforçam pra mostrar o investimento de tempo e dedicação. Só com o texto e a foto, a pessoa vai entender a história muito bem. Ela vai gostar. E se ela ver só o vídeo...pelo menos essa é a intenção. Pode ser que não seja assim, que alguma delas a pessoa avalie “não, o vídeo sozinho não tá contando a história não. Tem alguma coisa aqui que tem lacuna”. Mas pelo menos essa é a intenção...de que o vídeo se conte sozinho.

AA: O que faz com que o cara que leia o texto veja o vídeo?

RL: Eu acho que ele vai ficar curioso. Se ele ver o vídeo no YouTube, ele vai ficar curioso pra ver o site. Poderia ter feito só uma coisa ou outra, mas eu queria demonstrar um produto bem feito em duas frentes. Uma coisa é fazer um texto legal. Outra é um vídeo. Tendo os dois mostra um ataque em duas frentes. E ao mesmo tempo mostrando que se saiu bem em duas coisas que são bem opostas. Às vezes quem faz vídeo bom não escreve bem, e quem escreve bem não faz vídeo bom. E mostra que atacamos bem em duas frentes.

AA: Hoje você conhece seu público-alvo?

RL: Dá pra saber pelo Analytics, uma ferramenta do Google, que mapeia de onde a pessoa vem, de onde ela acessa, qual a idade, o sexo. E no caso hoje a audiência no Ceará é só a quinta no Brasil, o que mostra que o site já virou nacional. Mostra que se tornou um projeto com conteúdo de interesse fora do estado.

AA: Dá pra saber o que esse público quer consumir? Pra fazer matérias mais direcionadas?

RL: Dá pra saber pela audiência. Aquilo que dá mais audiência, por mais que não seja um conteúdo totalmente dentro da proposta de contar uma história tão boa, mas vale a pena pra inflar o número de visitantes. Gera mais interesse sobre o site. Temas que geram interesses, que dá pra eu “apelar”, são matérias com camisas, por exemplo. Há um público muito grande de colecionadores de camisas. Então se você fala desse tema pode garantir uma audiência grande por aquele público e alguns deles se tornarem leitores fieis das histórias. Eu acho que outra coisa que funciona bem é apelar pra memória relacionada a coisas dos anos 90. Então quem era criança nos anos 90, hoje tem uns 30 e poucos anos. E tenho um público forte nessa faixa etária. São pessoas muito ligadas a saudosismo, coisas que ocorreram no futebol nos anos 90.

AA: Você falou que o site é nacional, mas tem também audiência fora do país?

RL: Tem. Na verdade é até uma audiência muito interessante em Portugal. Muita gente de lá que gosta de coisas do futebol brasileiro que fogem daquilo que sai lá. Lá tem muita gente que acompanha futebol, mas coisas tradicionais. Mas muita gente quer acompanhar esse ‘lado B’, que nem pra gente é tão interessante, pra massa brasileira, mas lá tem umas pessoas que se interessam. Eles querem saber o que acontece fora desses grandes centros. Tem uma rádio de Portugal, chamada Rádio Nova, e eles leem muitas coisas que são publicadas no site, e comentam e tal...e teve uma vez que eles resolveram fazer uma entrevista comigo, pra mostrar que site era aqueles que eles tanto falavam. Na época eles pediram pra entrar em detalhes de várias histórias que eles tinham visto. Então isso é bem legal...tem também gente que relata que lê a partir da tradução do Google...tem um cara da Bulgária, tem um outro de Israel, que é louco pelo futebol brasileiro. Ele já é mais idoso, tem sessenta e tantos anos...ele não sabe ler português, e utiliza a tradução automática pra ler as coisas de interesse deles. Ele é colecionador de cachecóis, e descobriu o site por causa de uma matéria sobre cachecóis. Ai passou a visitar sempre.

AA: Qual o retorno que o site já teve pela repercussão que tem, inclusive fora do país?

RL: No caso, especificamente na história do técnico cego, da série, depois que ela foi publicada, veículos do Brasil todo entraram em contato pra pedir o telefone, e eu passei numa boa...porque entendo que, mesmo dando o crédito ou não, a matéria saindo em outro veículo dá respaldo, porque mostra que tenho uma audiência qualificada. Então eu passo numa boa. E depois que essa matéria saiu em vários veículos, inclusive na TV Globo. Depois disso, três revistas estrangeiras de futebol entraram em contato pedindo pra reproduzir a matéria, ou que eu mandasse a versão traduzida, comprando esse conteúdo. Uma delas a Four Four Two, da Inglaterra, a maior revista de futebol do mundo. As outras foram a Kickoff, da África do Sul, e a So Foot, da França. São três revistas tradicionais. A So Foot é mais de lado cultural, enquanto que a Kickoff e a Four Four Two têm mais a cara de conteúdo de massa, porém contando histórias curiosas. E a partir da matéria do técnico cego, que fez tanto sucesso, eu me tornei correspondente da Four Four Two. Eles pediram outras matérias, ou que eu mandasse sugestões pra poder fazer matérias pra eles. Já fiz outras matérias, sobre outros temas. O Verminosos serviu pra que eu pudesse entrar na revista. Posteriormente a isso, depois que saiu na So Foot, a France 2, que é a segunda maior TV da França, uma TV pública, gostou demais da história, entrou em contato perguntando se eu não podia acompanhar eles e fazer a produção. E eles fizeram um documentário, de 15 minutos...isso em televisão é muita coisa. Então a gente ficou

quatro dias rodando em Fortaleza pra reunir esse material. Isso mostra que o Verminosos já tem uma leitura, de jeito do meio, que gosta de futebol, inclusive de fora do Brasil. Ficou muito claro isso.

AA: Focando na série, porque que você criou o Futebol de Raiz e qual seu objetivo?

RL: O objetivo dela é demarcar conteúdo e mostrar reportagens legais com uma cara diferente, com um visual diferente, em um espaço visualmente legal e que tivesse a questão da multimídia. Então eu pensei que eu tinha que focar em um tema, especificar um tema. Porque não pode ser matérias que sejam inclusive concorrentes do próprio Verminosos. Ai eu pensei em fazer sobre algo que a mídia tradicional não atenta. Você vê que não sai nada em TV's ou jornais sobre futebol de subúrbio, futebol amador...então ai vieram matérias que a mídia tradicional não vai atrás. O jornalismo esportivo, às vezes, é feito com um olhar fechado só pra o que é do 'lado A', quando no 'lado B' tem muitas histórias legais que acabam não sendo contadas.

Mas a série aborda coisas que os outros veículos não contam, que o tema foi muito bem escolhido. Poderia falar sobre histórias do futebol profissional que têm aqui, mas isso, às vezes, tem muita coisa que já foi feita. E no amador não. Fortaleza tem 56 ligas de bairros, com mais de 2.000 times e 50.000 jogadores. Cara, é gente demais. Então imagina a quantidade de histórias que têm nesse universo! Então foi bem escolhido o tema, e, se eu tivesse condições de tempo e rentabilidade pra focar nesse projeto, seria muita história pra contar. Só do futebol de subúrbio.

AA: Fale sobre cada uma das três reportagens publicadas na série.

RL: A primeira foi com o Flávio Araújo Silva. Ele era jogador do Juventude, time amador do bairro Bom Jardim, time mais tradicional do bairro. Ele ficou cego ao receber uma cotovelada em uma falta que ele sofreu em um jogo. Ai ele perdeu primeiro a visão de um olho e depois a visão do outro, e se afastou momentaneamente do time. Só que tempos depois, ele voltou a ajudar o time. Em 2005, o treinador se aposentou e deixou o time. Ele, que era o "faz tudo", marcava jogos, arrumava uniformes, virou o treinador. E então ele é treinador do Juventude desde 2005. E ele tem uma noção sensorial impressionante. Isso compensa o fato de ele não ter a visão. Ele consegue motivar o pessoal. Ele não entende tanto do que tá rolando, porque não consegue ver, mas consegue ser um exemplo para o pessoal jogar por ele. Pelo Flávio o pessoal vai a todos os jogos. E é impressionante como essa história caiu do céu. Eu fui

a um evento para receber uma premiação, e eu havia prometido à minha sogra que, se eu ganhasse o prêmio, que era um tablete, eu daria pra ela. E ela foi comigo à premiação. E lá ela sentou ao lado de um rapaz que contou a história do técnico cego. Ela me avisou, eu peguei o contato e posteriormente liguei e marquei a pauta e fiz a história. E havia todo um medo, um cuidado, porque o time fica em uma rua perigosíssima, então havia todo um cuidado por lá ser perigoso. A gente ficou com medo de perder equipamento...só que depois eu descobri que esse pessoal, do time, eles são tipo “os donos” da comunidade. Então, se você tá indo com eles, você tá garantido...até mais seguro que se tivesse com polícia. Por que eles querem que a história deles seja contada.

Depois dessa, teve a história do cara dos mil gols. Ele é muito pobre, mora no Joaquim Távora, sempre trabalhou como repositor de frios e tem cinco filhos. Eles todos moram em uma casa de um cômodo só. Mas, apesar de toda essa circunstância, ele tem uma alegria na vida, que é o orgulho de saber que já fez mais de mil gols jogando futebol de subúrbio. E o que é mais engraçado é que ele contabiliza os gols que ele faz em futebol de travinha, na praia. E quando ele vai fazendo gol ele vai anotando em um caderninho, desde 1987 ele começou a contar, e ele fez o milésimo gol em 2008. E ele passou o Pelé, curiosamente, no dia que a gente foi fazer a reportagem. Ai ele fez 1.283, e o Pelé tem 1.282. E a matéria é justamente mostrando isso, que ele tem mais gols que o Pelé.

A terceira foi uma matéria de um racha de garçons, que, como não têm tempo pra poder jogar, eles jogam na madrugada da segunda-feira. Então eles fazem um racha de domingo pra segunda-feira depois da meia-noite até três e meia da manhã, em uma quadra que tem na pracinha do Bairro de Fátima, em frente à Igreja de Fátima. Então eles fazem o jogo deles lá, e eu fui pra poder gravar e ai contei essa história.

Esse hotsite foi feito com dois intuitos: o primeiro por que eu achava que esse era um conteúdo que, por não estar na mídia, ele iria render alguma coisa que poderia despertar interesse e órgãos do poder público. Eles poderiam pensar em como é interessante falar sobre essas comunidades, esses campos, esses públicos. Então eu pensei que poderia fazer e ganhar em publicidade com isso. Só que acabou que de início não aconteceu. Mas eu pensei em continuar, em fazer o investimento pra que mais na frente as pessoas pudessem ter interesse. E foi o que aconteceu.

AA: Nas duas primeiras reportagens da série, há um personagem principal, que a história gira em torno dele. Por qual motivo isso não ocorre na terceira, do "racha dos garçons"?

RL: A proposta não é contar histórias somente de indivíduos, mas também de times, de rachas, de campeonatos diferentes... Chegou a hora de dar uma mudada no foco na 3ª matéria, e inclusive também farei na 4ª e na 5ª, em breve. Não há um impacto tão diferente na narrativa. De uma forma ou de outra, contei as histórias envolvidas, e não me resumi a uma fonte.

AA: E qual das três reportagens você destacaria como mais especial?

RL: A primeira. Quando eu vi aquela história, eu já percebi que era matéria que iria repercutir, como repercutiu. Pra fazer o site ficar conhecido entre pessoas que não o conheciam ainda. É o tipo de matéria que qualquer veículo ia se interessar, como aconteceu. Engraçado, não teve ninguém do Brasil que disse que queria o texto. Eles preferiram eles mesmos produzir. Porém, chegaram veículos estrangeiros e disseram que gostariam de contar com esse conteúdo. E isso é muito legal, por que mostra que o site tem visibilidade.

AA: Você acha que na web existe espaço pra esse jornalismo que vai na contramão da maioria do conteúdo da web, que geralmente é curto, objetivo? Há espaço para textos mais trabalhados, aprofundados?

RL: Sim. Acho que há uma visão distorcida de que no celular a pessoa não lê um texto grande. Só se for no papel, no impresso. No celular ou no computador tem que ser um texto curto...eu acho que isso não existe. Acho que essa percepção está baseada no texto ruim. Se você oferece um texto bom, e cada vez mais é comum ver textos bons no online, a pessoa vai ficar. Basta que ele seja bom. O problema é que os textos bons não estavam no online. Então sou totalmente contra essa visão de que na internet tem que ser um texto curto.